

vários afetos
ou
ensaio de criação literária
ou
livro dos heterônimos

SERAPHIM PIETROFORTE

vários afetos

ou

ensaio de criação literária

ou

livro dos heterônimos

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

P626v Pietroforte, Seraphim
Vários afetos ou ensaio de criação literária ou livro dos
heterônimos / Seraphim Pietroforte. São Paulo: Patuá, 2024.
224 p.; 14 X 21 cm
ISBN 978-85-8297-946-4
1. Poesia. 2. Literatura brasileira. I. Pietroforte, Seraphim.
II. Título.

CDD 869.91

Índice para catálogo sistemático

I. Poesia : Literatura brasileira

Copyright © Editora Patuá, 2024.

Vários afetos ou ensaio de criação literária ou livro dos heterônimos

© Seraphim Pietroforte, 2024.

Editor

Eduardo Lacerda

Capa, projeto gráfico e diagramação

Gabriel Kolyniak

Assistentes editoriais

Amanda Vital

Gabriel Santana

Içara Bahia

João Vitor Nascimento

Raquel Alves

Ricardo Escudeiro

Administrativo e comercial

Pricila Gunutzmann

Administrativo e marketing

Sofia Fernandez Gunutzmann

Expedição

Sheila Gomes

Eventos

Flávio Rodrigues

SUMÁRIO

Vários poetas	7
Samael, <i>O senhor das dúvidas</i>	23
Ana Maria Isabell, <i>A dialética da autoestrada</i>	45
Juliana Bruno, <i>A filosofia dos cabelos invertidos</i>	77
Wagner Corsário, <i>Malditos sejam todos vocês</i>	119
Akemi Korosu, <i>Estrita street art</i>	149
Luiz Rupestre, <i>Odes brisantes</i>	179
Luciano Homem de Barro, <i>A função do engenho</i>	207
Sobre o autor	222



Antonio Vicente
SERAPHIM PIETROFORTE

Expor os critérios de uma seleção de poesias, mediante o gosto, coincide com expor a si mesmo, pois me identifico com aquilo de que gosto bastante; meu gosto é minha divisão e, em meio a tantos estímulos, gostar significa dispersar-se para, na multiplicação, ser muitos para tantos outros. Sou formado em letras, escolhi as letras querendo ler em demasia... leio poesia todos os dias; quando não sou eu quem se lembra, os amigos se encarregam de me lembrar quando me enviam livros, livros e livros de presente. Entre o vício e o ofício, para cada livro, pelo menos uma pessoa... dessa vez, somos 8.

* * *

Conheci Josuel de Lucena Filho quando a amiga Marília me disse: “se você aprecia poesia mística, quase religiosa, receba!”. Josuel assina Samael, o nome de Lúcifer antes da queda – a sina dos adolescentes –; Samael tem idade para ser meu neto, por isso resolvi começar o livro pelo jovem. Li dele poemas esparsos, a maioria parecia letra de rock... fiquei fascinado com *O senhor das dúvidas* ressoando no Senhor das Moscas... Samael quis dizer Belzebu, Arimã, Éris.

O Senhor das dúvidas tem duas partes: (1) a cosmogônica, a musa nasce no rio Nilo; (2) a transcendental, a noite dos sentidos diante do Buraq, outra musa. Em sua cosmogonia, Samael fundamenta sua retórica; logo no primeiro verso do livro, ele afirma “para justificar os caminhos de Samael para Samael”. O primeiro poe-

ma é variação da frase-verso do *Milton*, de William Blake, isto é, “To Justify the Ways for God to Men”, não se tratando, contudo, apenas de citação pontual; trata-se, isso sim, de sugerir os delírios simbólicos, próprios dos discursos religiosos, pelos quais pretende seguir na poesia, convocando poetas-profetas e mitologias... o poema termina com Los, outra citação do *Milton*, de Blake.

Ainda no primeiro livro d’*O Senhor das dúvidas*, divindades de várias religiões, qual nos discursos esotéricos da modernidade, são disseminadas; Samael principia na Índia, no templo dos macacos, todavia, o batismo se localiza no Nilo, no Egito. Lá, ele se depara com a primeira divindade de sua mitologia pessoal, Alga Glauca, referência à poesia zen-concreta de Pedro Xisto; engenhosamente, Samael transforma deuses pagãos em poesia sonora quando os sons da natureza se tornam vocalizações de nomes divinos; seus deuses não são apenas símbolo abstrato, mas substância sonora, estando no mundo por meio do poema.

Em meio ao animismo de Samael, a Musa insinua-se nas letras maiúsculas dos pronomes; ainda sem nome, apenas dêitico, Ela é insinuação, nem Samael A alcança. Nessa busca, tal Musa é a própria Poesia; o poeta, imerso em tantos estudos e referências – feito todo adolescente, dormindo mais com livros que com pessoas –, não se leva a sério... Blake dialoga com “whisky on the rocks”, “bronha dos poetas”... Baphomet está no mesmo verso com Rodak, personagem dos Vingadores do Espaço, criação de Osamu Tezuka... “protejam minhas bolas” é frase tirada do South Park.

No segundo livro, Samael realiza a viagem noturna; cada parte do poema corresponde a uma etapa da Viagem Noturna do profeta Mohamed. O Buraq, criatura mitológica com cabeça de mulher, corpo de cavalo alado e cauda de pavão, guia do profeta na ascensão aos céus, é outra epifania d’Ela; para se haver consigo, Samael, feito xamã, transforma-se em Abutre, desen-

cadeando a tensão da ave de rapina cinzenta com a parte pavão colorido, existente no Buraq. Buraq ressoa em Abutre; geram-se signos complexos no poema quando o som aproxima o que as aves, nos desdobramentos do par simbólico pavão vs. abutre – o casal alquímico do poema –, sugerem afastar.

Desse segundo livro, quero enfatizar o canto VI. Na ascensão, o profeta viaja por sete céus; se eu contei corretamente, esse canto corresponde ao céu de ouro da viagem noturna. Nele, creio eu, aproximando ouro celeste e pedra filosofal, Samael segue, em cada estrofe, na forma de diálogo do Buraq com o Abutre, passo a passo as páginas do *Mutus Liber*, o livro mudo da alquimia, composto no século XVII. Além disso, Samael escreve o canto na métrica das estrofes da *Noite escura*, de São João da Cruz, remetendo a outro poema cujo tema é a transcendência, preferindo, em sua viagem noturna, escolher o vinho, em vez de fazer conforme o profeta Mohamed, quem bebe o leite.

Sobre a escanção, o canto VI, do livro dois, não é o único metrificado; o canto VIII, do livro um, tem forma de balada, com versos de dez e seis sílabas. Ao lado de coerções silábicas, todos os poemas d’*O senhor das dúvidas* se formam a partir do desenvolvimento de séries baseadas em estrofes, procedimentos sintáticos, redes lexicais, campos fonológicos etc., sendo o canto V, do livro um, o melhor exemplo de valorização desses recursos linguísticos na engenharia poética.

De cabeça raspada, para captar melhor as mensagens alienígenas trazidas pelas ondas cósmicas, Samael é um mocinho negro, com somente 22 anos de vida – um para cada arcano maior –; outro maluco das Letras vagando pelo mundo...

* * *

Conheci Ana Maria Isabell na militância sadomasoquista; aconteceu num encontro promovido pela Bela, no Clube Domina. Não foi festa noturna... deu-se numa tarde de debates em que eu, o Glauco Mattoso e a Wilma Azevedo fomos convidados para falar de literatura SM. No final da mesa redonda, uma mulher se aproxima – “sem sexo, só poesia”, segundo diria o poeta Delmo Montenegro – para conversar comigo; embora doze anos mais nova – eu nasci em 1964 –, praticamente tivemos vivências semelhantes.

As questões para os sadomasoquistas não são as mesmas das demais minorias sexuais gays, lésbicas ou transexuais; na sexualidade, sem dúvida, há erotização dos sujeitos, todavia, é preciso considerar ainda a erotização dos ritos e suas práticas. Se gays, lésbicas e transexuais enfatizam a diversidade sexual dos sujeitos eróticos, o sadomasoquismo, o exibicionismo e o voyeurismo enfatizam os ritos; desse ponto de vista, o conceito de minoria pode ser estendido a todos que divergem da prática sexual padronizada, quer dizer, na cultura moralista, a monogamia heterossexual, com ritual ligeiro e em posição de missionário, ou seja, com o homem por cima da mulher.

No Brasil, discute-se pouco o SM; o mundo noturno dos sadomasoquistas não combina muito com a cultura tropical brasileira... entretanto, somos alguns. Na literatura, embora autores como João do Rio, no começo do século XX, aproximem-se desse universo, o marco inicial do SM brasileiro é, sem dúvida, a Wilma Azevedo. O primeiro conto SM lido por mim foi da Wilma, chama-se *Submissão*; li na revista Status, uma revista masculina dos anos 1980. Entretanto, o SM predominantemente literário, algo distante das preocupações jornalísticas da Wilma Azevedo, seria realizado plenamente na obra do Glauco Mattoso; com o Glauco, o SM torna-se conteúdo de formas poéticas. Dessa maneira, com a intenção e a necessidade de tematizar essa diversi-

dade sexual, quando comecei a escrever prosa e poesia, escrevi sobre sadomasoquismo; meu primeiro romance, *Amsterdã SM*, é um romance sadomasoquista e meu primeiro livro de poemas, *O retrato do artista enquanto foge*, é quase todo composto de poesias sadomasoquistas.

Ana Maria Isabell queria, justamente, conversar comigo sobre tal tematização não apenas nos significados da poesia, mas nas formas literárias; tendo preocupação semelhante, meus poemas SM são, antes de tudo, sonetos, madrigais, haicais, poesia concreta. Isabell é médica obstetra, a mesma profissão do poeta brasileiro Edgard Braga, de quem gosto bastante, tenho dois poemas seus tatuados em mim... além de apreciar a poesia do Braga, Isabell gosta das demais artes experimentais, por isso torna-se fácil dialogar com ela a respeito do SM e suas expressões por meio de poesias visuais, concretas, conceituais.

Esse experimentalismo, tanto poético quanto erótico, é a inspiração principal do livro *A dialética da autoestrada*, cujo nome coincide com o título do primeiro poema, no qual a ideia principal, ao longo de pequenas estrofes, manifesta-se em conjuntos relativamente autônomos, com vistas a expressar o mosaico feito das sensações vividas por quem fala nos versos. E que ideia seria essa, dividida prismaticamente em séries e estrofes? Um tema SM, constante em sua poesia, sendo possível defini-la por meio dele; especificamente, um poema SM pode, no qual a narradora – o poema está no feminino, marcado, entre outras classes de palavras, nos adjetivos – expõe suas sensações ao caminhar descalça por uma autoestrada. “Aconteceu comigo”, isso ela me contava, “resolvi fazer essa experiência autoerótica, sexo comigo mesma ao longo da rodovia”. Foi numa das praias do litoral paulista; ela voltou caminhando descalça, pelos acostamentos da estrada, da praia até sua casa... “nada se compara aos riscos de se machucar”.

O livro é tanto manifesto experimental quanto manifesto SM; nele, Isabell traduz seu masoquismo nos muitos modos da poesia experimental se realizar. Comentarei, em linhas gerais, alguns desses procedimentos e as referências a poetas ou a poemas:

(1) há recorrências constantes às poesias visual e sonora – em *sete poemas sobre sete dores*, no poema 2, ela faz um haicai com o desenho de anéis de arame farpado em cinco-sete-cinco anéis; em *três poemas com interjeições de prazer e dor*, ela combina poesia visual e sonora –;

(2) há recorrências ao letrismo, isso se vê em *sm em três poemas visuais*;

(3) Ana Maria cita poetas da poesia experimental portuguesa – em *sete poemas sobre sete dores*, o poema 5 é inspirado em *Tijoleira*, do Alberto Pimenta, e o poema 6, inspirado em *O interregno*, de Ana Hatherly –;

(4) há referências a Pyotr Pavlensky e Singalit Landau, artistas performáticos em cujos trabalhos há diálogos com a dor;

(5) Isabell tematiza a crise da própria representação valendo-se de fotografias, as quais não se sabe bem se são dela mesma ou de outra pessoa – remeto-me ao poema visual *janelas para Isabell*, citação do poema *Janelas para Pagu*, de Augusto de Campos –.

Adepta do “we fuck alone” – uma sugestão do vídeo artista Gaspar Noé –, Ana Maria Isabell parece personagem de história em quadrinhos.

* * *

Juliana Bruno me disse, certa vez, que muitos poetas enveredam pela filosofia, contudo, a maioria parece não ler atentamente os livros citados, por isso, resolveu fazer poesia dialogando com filósofos, artistas, poetas e pensadores. Conheci Juliana,

quem mora em Vitória, no Espírito Santo, por meio de redes sociais; nunca nos falamos pessoalmente e, sabendo dos meus trabalhos com a literatura, ela resolveu me enviar seus poemas.

No início, eram poemas esparsos, entretanto, depois de convencê-la a organizá-los em forma de livro, Juliana parece haver disposto os 40 poemas de *A filosofia dos cabelos invertidos* em uma narrativa. O título do livro encaminha seu projeto poético; Juliana faz poesia feminina, os cabelos invertidos são os cabelos pubianos – o delta de Vênus –. Próxima das mulheres cerebrais, Juliana quebra o paradigma da mulher sensível e sentimental, vítima do coração; cerebral, todavia, não assexuada... sua poesia vem do nexo e do sexo, nunca do plexo.

Nos cinco primeiros poemas, ela se define em relação a outras mulheres, algumas amigas da sabedoria, outras nem tanto, de quem se afasta veementemente... “não me deito com nazistas”, diz logo na abertura; em seguida, Juliana prova vinho, leite, mel e água, seu batismo antes de se desenvolver em outros motes. Sempre às voltas com citações e referências, cuja função é lançar o poema fora do texto, libertando a poesia de suas próprias estruturas, Juliana, a seu modo, afirma constantemente as reflexões de Roland Barthes a propósito das diferenças entre obra e texto: a obra é fixa, acabada em si mesma, enquanto o texto, contrariamente, abre-se em contínuas revoluções acerca da significação, que não se esgota. Nessas projeções fora do texto, a autora não recorre apenas a citações de pessoas ou pontos de vista filosóficos; nas intertextualidades, convocam-se formas poéticas estabilizadas na história da literatura. Eis alguns desses procedimentos:

(1) recorrência à poesia sonora – Juliana chega a citar o início do conhecido poema sonoro de Kurt Schwitters, *Ursonate*, em um dos poemas da série *Blowjob com _____* –;

(2) há poesia sonora, mas não apenas isso – no poema *Noonauta*, os versos finais, antes de serem poemas sonoros, são a expressão oral de uma tala de 12 tempos, utilizada em divisões rítmicas da música indiana;

(3) recorrência à poesia visual – em *Poesia visual 1*, o arame enrolado é onda senoidal de música eletroacústica e metáfora erótica –;

(4) uso constante de poesia conceitual, encaminhando as poéticas do pensamento, nas quais a ideia já se torna arte;

(5) nos diálogos, há presença de cientistas ao lado de artistas e filósofos, principalmente os físicos;

(6) há diálogos com o universo pop, do rock à pop arte.

Dos poemas, ela me dizia assim: “sigo pelo menos uma coerção na hora de compor; para dialogar constantemente com a filosofia e as humanidades, cada poema deve ter, no mínimo, uma citação; se será verso livre ou não, eu resolvo depois”. Em *Orlando em Amsterdã*, por exemplo, as drogas são tematizadas; Orlando está fumando maconha em Amsterdã, contudo, o poema não se resume a essa anedota. O Orlando citado é o famoso herói das epopeias *Orlando Enamorado* e *Orlando Furioso*; isso se percebe na releitura da “loucura” de Orlando, do livro de Ariosto, quando a loucura do amor se torna a “loucura” do fumo, e pela versificação, a mesma das estrofes do poema original.

Em suas alusões, Juliana não deixa de citar os demais poetas de *Vários afetos*; entre algumas, eu localizei estas: (1) *Lógica Juliana* / Samael; (2) *Poema Visual I* / Ana Maria Isabell; (3) *Juliana e sua Retórica* / Wagner Corsário; (5) *I Ching com John Cage* / Akemi Korosu; (6) *Blowjob com Noam Chomsky* / Luiz Rupestre. No final do livro, abrem-se novas chaves de leitura: os sete poemas finais tematizam o quadrivium – astronomia, geometria, música e aritmética – e o trivium – gramática, retórica, lógica –, encerrando o ciclo de sua filosofia com ênfase nas ciências da linguagem verbal.

Juliana Bruno é da área de letras; ela trabalha com tradução e aulas particulares de espanhol, italiano, francês, inglês e alemão... nascida em 1962, teve tempo de aprender todas essas línguas.

* * *

Conheci Wagner Corsário no meio de suas contradições; foi em uma palestra sobre literatura – não me lembro onde –, ele se colocava diante dos debatedores com “discordo veementemente!!!”. Figura estranha... meio from hell, meio too young to die, too old to rock’n’roll... “venho de Woodstock a pé” – explicava Wagner quando nos conhecemos – “prestei atenção nos caminhos, vim fumando maconha, por isso não tenho saco com caras bundinhas”. Wagner mora em Guarulhos, no estado de São Paulo; tem por volta de 60 anos de idade... não se formou em nada, todavia, já começou a fazer direito, jornalismo, ciências sociais, krav maga... “digo foda-se, não sou escroto, só não me perco... quer ver uma coisa? Trompete eu aprendi a tocar!”.

Embora o título sugira, *Malditos sejam todos vocês* não são poemas de ódio, creio que Wagner não despreza os leitores, ele não me odeia... tampouco é frase de efeito, o ódio é sua forma de traduzir o mundo... “evitam-se os pentelhos”, filosofa o poeta. Seus conhecimentos acadêmicos e literários são fragmentários e assistemáticos, isso talvez explique a forma poética escolhida para se expressar; Wagner transita por vários tópicos, ele parece não se obcecar facilmente pelas coisas; tudo cabe em seu universo poético seguindo, em regra, o mesmo processo de composição, quer dizer, o título geral, com o qual se definem campos temáticos, e os desenvolvimentos do mote, o qual surge fragmentado em cada poema do campo. Por consequência, não há conclusões, pois não há análises, antíteses e sínteses; as variações não são argumentos nem há divisões prismáticas de ideias, não se tratando

de objetivar os conceitos em variados modos de existência. Há em Corsário a fragmentação de ideias incapturáveis, que surgem deformadas em cada reflexão; enfim, um poeta da negação do esclarecimento.

Dessa maneira, em seu desesclarecimento, Wagner raramente dialoga com poesias visuais e sonoras, apenas no terceiro poema da série *podemos ser amigos por controle remoto* e em *prosopopeia* isso acontece; na expressão plástica dos poemas, a disposição dos versos na página tem a função tradicional de separar estrofes. Essa engenharia poética termina concentrando a poesia antes nas formas de conteúdo que nas formas de expressão, aproximando-se da poesia coloquial, próxima das falas e das conversas, portanto, distante do púlpito dos poetas visionários ou dos gabinetes e bibliotecas dos poetas semiólogos.

Se Wagner faz poesia próxima da fala, cabe perguntar de onde ele fala e em que tom. O lugar em que fala, evidentemente, não é lugar físico, uma posição no espaço; trata-se, isso sim, do lugar semiótico, portanto, de posições conceituais, por meio das quais o enunciador justifica posturas ideológicas. Os poetas experimentais, por exemplo, falam de dentro da academia; os poetas futuristas, em meio às cidades industrializadas; os poetas árcades, vivendo no campo... Wagner Corsário fala de dentro dos botecos, a fala ligeiramente alcoolizada, suficientemente sóbrio para não perder as articulações da linguagem. Daí o tom levemente desbocado, às vezes agressivo, às vezes grosseiro... triste, no final da noite...

Sua tristeza de bêbado, todavia, não é vã; ele filosofa com seus fragmentos, seja “com” no sentido de filosofar dialogando com eles, como se o próprio Wagner fosse outro fragmento, seja “com” no sentido de “valendo-se deles” para resmungar. Se seu discurso é monólogo – Wagner vs. Wagner –, as blasfêmias derivam em infelicidade; se é diálogo, *malditos sejam todos vocês*.

Akemi Korosu foi minha aluna na FFLCH-USP de 2011 a 2015, fez aulas comigo nos cursos de introdução à linguística durante o primeiro ano de letras; depois disso, terminou o bacharelado em japonês, língua falada desde criança – sua mãe nasceu em Okinawa, Japão, e o pai é brasileiro, nasceu em Londrina, no Paraná –.

Embora seja professor de linguística e semiótica, discuto frequentemente literatura nas aulas, principalmente literatura experimental e literatura brasileira contemporânea; costumo pedir para ler prosas e poesias feitas pelos alunos, assim eu conheci a poesia de Akemi. Akemi gosta da arquitetura poética, para ela, o verso livre nunca é opção; consegue fazer poesia somente seguindo por coerções textuais, prefere sonetos e haicai... segundo ela, “a forma é a mensagem”.

Em sua verbivocovisualidade, Akemi elabora as 21 pranchas do livro *Estrita street art*. Fazendo referência à arte de rua, Akemi aproxima as páginas do livro a paredes, sobre as quais ela escreve; a ênfase está na composição textual, com as ideias propostas expressas visualmente em dípticos, em que as cores, as formas e a disposição das letras se correlacionam com a semântica das frases.

O primeiro poema é o convite à leitura, desdobrado em, pelo menos, três temas: (1) o percurso no jardim noturno, jardim no qual as plantas se confundem com os poemas, verdadeiros quadros de uma exposição; (2) percorrer Akemi, inclusive eroticamente; (3) ler/ver sua poesia. Ao primeiro poema, seguem-se 10 dípticos, nos quais, em meio a outros, esses três temas permanecem nos discursos da *Estrita street art*. Nos dípticos, os contrastes entre os dois quadros – muitas vezes, pequenas variações de pontuação – desencadeiam correlações entre os significantes – as cores, formas e posições das letras – e os significados – os conceitos –; posso exemplificar sua poesia visual com três dípticos: *quando você*, *Miron* e *semi-ótica de piercing*:

(1) em *quando você*, Akemi faz um poema e uma performance; nesse poema, o corpo da escritora se torna ele próprio haikai, realizando os três temas inaugurais em apenas uma figura, isto é, a própria autora do poema, somatizada no texto, dando-se a ver, ler e sentir. No gesto-pose, Akemi se confunde com o satori, expresso na semiótica do poema quando a interrogação se articula com a exclamação, gerando-se, pelo menos, quatro possibilidades de leitura, encaminhadas pelas letras escritas com fontes distintas e novos modos de ler além da sequência linear das palavras na frase;

(2) em *Miron*, do lado esquerdo do díptico, Akemi realiza jogos de palavras com o significante do nome próprio Miron e o célebre escultor grego, autor da famosa estátua do lançador de disco, enquanto, do lado direito, desencadeia-se a metalinguagem com oito grafemas, inclusive IO, “eu” em italiano;

(3) em *semiótica de piercing* evidencia-se a semiose entre o famoso teórico do signo Charles Sanders Peirce e as joias dos catálogos de piercings, em que se cruzam sinais gráficos, referências às joias e suas conotações sociais, inclusive as eróticas.

Quanto aos haicais, Akemi alia-se à tradição levada adiante por Guilherme de Almeida e Pedro Xisto; longe de conceber o haikai enquanto poema breve, de leve inspiração mística ou sentimental, para Akemi o haikai significa forma precisa de construção poética. Todos os seus haicais se formam por três versos, com cinco-sete-cinco sílabas; os versos de cinco sílabas rimando na sílaba tônica final e, no verso de sete, a acentuação interior rimando com a sílaba tônica final; não há somente rimas, mas aliterações, assonâncias, malhas para-fônicas. Os sonetos não são menos rigorosos, todos decassílabos, seguindo a mesma para-fonia dos haicais... essa é Akemi Korosu, requintada na expressão e no conteúdo, ela própria, um poema.

Conheci Luiz Rupestre em Évora, Portugal, ele é arqueólogo. No segundo semestre de 2013, morei em Portugal para fazer o pós-doutorado, cujo tema foi a Poesia Experimental Portuguesa – a Po.Ex –, realizado sob a supervisão da professora Eunice Ribeiro, na Universidade do Minho. Passei alguns dias em Évora; lá há sítios arqueológicos fantásticos, com dolmens, emires, grutas antes frequentadas por Homens de Neandertal. As visitas aos sítios são acompanhadas e em Évora, num pequeno escritório, fazem-se os agendamentos; lá, tive a sorte de ser assistido pelo Luiz, logo disposto a conversar comigo. Em princípio, o interesse foi em arqueologia, Luiz mostrava-se disposto a mudar para Pernambuco, em busca de sítios para pesquisar; todavia, quando lhe contei trabalhar na área de letras, com poesia experimental, e estar em Portugal estudando a Po.Ex, o homem ficou visivelmente emocionado.

“Nasci em 1968” – ele lembrava – “leio poesia desde a adolescência; li tudo escrito pela Ana Hatherly e pelo Ernesto Manuel de Melo Castro, leio Antonio Aragão, Alberto Pimenta e Fernando Aguiar... eles afirmam que a Po.Ex veio do Barroco, entretanto, ela vem também dessas paredes...” – e mostrava a gruta do Escoural –. Respondi a ele “conheço o Ernesto pessoalmente, somos amigos”... “então seremos amigos” – replicou o arqueólogo – “pois quero ser amigo do amigo do maior poeta da língua portuguesa”.

Durante minha estada em Portugal, nos encontramos outras vezes... no show do King Dude e na visita à Fundação de Serralves, ambos no Porto; em Lisboa, no show do John Zorn, na Fundação Calouste Gulbenkian – o Luiz é judeu, levou-me para escutar a “mais recente contribuição musical à ideia de cultura judaica radical” –... fumamos bastante haxixe no Miradouro

Adamastor; certa tarde, levou consigo alguns papéis, os primeiros esboços do que seriam as *Odes brisantes*; 17 odes escritas “fumando muito haxixe, admirando o Tejo”. Esse não é o único tópico das odes, mas, sem dúvida, é o mote principal; os temas vão além do fumo... além do fumo, Luiz enfatiza a poesia portuguesa, dialogando, predominantemente, com Fernando Pessoa e Ernesto Manuel de Melo e Castro. Eis alguns exemplos:

(1) o primeiro verso da *ode número um* alude ao primeiro verso da *Ode Marítima*, de Pessoa, entretanto, Luiz modifica o verso original para se construir enquanto narrador, pronto para acender o cigarro de haxixe e viajar... a referência ao Miradouro Adamastor, local onde se compra haxixe, faz das brisas invocadas nas odes, além do vento, as brisas do fumo;

(2) outra pessoa, em outras viagens, Luiz Rupestre prossegue dialogando com a poesia portuguesa na *ode número dois*, aludindo ao soneto de Bocage “cagando estava a dama mais formosa”... a dama do Luiz, porém, fumava... em sua quase solidão de poeta, insinua-se alguma musa;

(3) na *ode número três*, a referência é a Cesário Verde, *Num bairro moderno*, com Luiz, num bairro pós-moderno, escutando música eletroacústica e a guitarra portuguesa de Carlos Paredes;

(4) enfim, na *ode número quatro*, dá-se o encontro com Ernesto Manuel de Melo de Castro e a poética do ciborgue, quando Luiz, através do tempo, partindo do homem das cavernas, desenvolve-se no homem máquina, anunciado pelo poeta experimental.

Em sua utopia, a consciência deriva das seivas vegetais... o haxixe, o vinho... somente se desperta depois de fumar... fumar é preciso... no Miradouro Adamastor, aos pés da estátua do triste gigante, Luiz Rupestre nos convida a viajar pela história de Portugal e de sua poesia... sem saudosismos, as caravelas são naves espaciais... o poeta guia nessa empreitada é o poeta experimental. Desde meu retorno de Lisboa, nos correspondemos constan-

temente; aos poucos, as odes foram surgindo nessas mensagens durante a composição das *odes brisantes*. Seu nome de verdade é Luiz Eugênio Monteiro de Carvalho, Rupestre é homenagem aos homens das cavernas, os primeiros poetas visuais.

* * *

Cabe à poesia questionar os leitores; todo poema é, em meio a tantos sentidos, pelo menos uma indagação... tive isso em vista quando resolvi fazer esta coletânea de livros e não apenas uma seleção de poemas. Se cada leitor encontra na poesia respostas para as próprias questões, Samael me diz modos de dialogar com a religião enquanto poesia; se ele enfrenta a metafísica via simbologia religiosa – em outras palavras, via esoterismo –, Ana Maria Isabell é resposta ao sadomasoquismo enquanto paixão erótica, não porque o tematiza, mas porque o tematiza via poesia experimental, dando formas revolucionárias às revoluções sexuais. De Juliana Bruno, semelhantemente ao esperado de Samael com a religião, espero respostas da filosofia, salva em seus confrontos porque se aproxima antes da poesia que da lógica ou da metafísica; de Wagner Corsário, espero não a anti mas a contra-filosofia... Wagner quer superar as diferenças entre os marginais e os acadêmicos. Akemi Korosu segue buscando superar as contradições íntimas do sujeito com o máximo de rigor formal na expressão poética; enquanto isso, do outro lado do Atlântico, Luiz Rupestre, imerso na tradição portuguesa, responde para o futuro. Por fim, minhas respostas, nas vozes de outros poetas.

Samael

o senhor das
dúvidas

PRIMEIRO LIVRO

I

para justificar os caminhos de Samael para Samael
para justificar Samael, de Samael para seus caminhos
para justificar Samael dos caminhos para Samael
para justificar os caminhos
para justificar Samael
vinhos para justificar minhas quedas
minas, eu preciso explodir para explorar melhor
diamantes, enfeites do meu trono de pária
debutantes são estrelas das minhas fitas de horror
com carvão escreverei nas paredes, no teto, nas entrelinhas
carvão e faço, no assoalho de terra, riscos
verdadeiros hieróglifos, dignos das penas dos escribas
somente uma egípcia entenderia, ao olhar de soslaio
para mim, para Los, para me justificar da fúria

II

musas, inspirai as trovas dos poetas
putas, inspirai as bronhas dos profetas
luvas, escondi minhas falanges
trufas de avelã – inventarei, em nome do deserto
o sabor do chocolate ao leite de camela –
ouro de muitos quilates
a bomba de todos os kilotons para explodir cidades
derramar sangue, soar os gongos, invocar as moscas
drenar este mangue à procura dos corpos

III

escutai as pragas, os vaticínios eu sinto no figado
admirai as pragas, vou colocá-las em ordem alfabética
combatei as pragas com anestesia
tremei de medo quando risco os traços cruzados
os sinais de errado, com letra vermelha
meus braços cruzados diante das assembleias

IV

estou no templo dos macacos
os monges acenam entra,
todavia, os símios são incisivos

– o medo reside em minha mente, insiste
são ideias saltando feito nós, os símios
gritando somos primatas, por isso respeito
fomos os primeiros a levantar, na alvorada da História –

Hanuman, seja tua, a presença em minha cabeça
esteja em todos os lugares
na velocidade da luz e dos macacos
invoco a força dos gorilas
para remar contra as marés de aço
contra as indicações das bulas
Samael, seu olho brilha porque estou sempre chapado

V

Sobek k k k k k k

Wadjjjjjjiiit

Heqet Heqet Heqet

desperto: escuto em silêncio: Alga Glauca emerge do mar
descobre – desvela – desanda – desmonta

desperto: escuto em silêncio: os lagartos labirintodontes
a metafísica no meio da lama, flor de luto
púbis – pernas – hálux – artelhos

desperto: escuto em silêncio: posso ouvir
o flap dos passos, as plantas na superfície plácida
feito o vento e a água, o sino e o senso
luz – fronte – fósforo – lanterna

desperto: escuto em silêncio: estou atento
fonte, aquela fendida, entre seus papiros
nas paliçadas, sou Romeu diante da sacada
Alga, algumas algas iluminam a noite diante do Mar Negro
sama – sema – soma – sumo

desperto: escuto em silêncio: agruras... agruras... agruras...
nenhuma delas deveria me ferir com seus bicos de farpa
já enfrentei harpias mais beligerantes, algumas muito belas,
seu elmo de trevas não diz nada, me transformo, posso ser
carpa, Matsya avatâra, o cetáceo devorador de profetas
musgo – visgo – vespas – víboras

Wadjjjjjjiiit

Wadjjjjjjiiit

Wadjjjjjjiiit

desperto: escuto em silêncio: em breve, me estenderei
serei intenso no leito de Cleópatra, outra vez Medusa,
dos milhares de olhos, sou Muitas Vozes, monstro
permaneço de pé no solar das almas fodidas
sentido! posso ver daqui todos os signos
tenho ervas e eras de experiências a me respaldar
cubro – cobro – quebro – cobra

Taweret

Sobek k k k k k k

Behemoth Behemoth Behemoth

Sobek k k k k k k

Sobek k k k k k k

desperto: escuto em silêncio: Alga Glauca insiste
quem és tu, ser em sua seara de sombra? Confessa!
não sou apenas sombra, ainda sofro a refração da luz
fui Equus, por pouco não me quedo parálítico,
quem gerou Naberius: boca, plexo, minha rola dura,
quem gerou minha Rola Aflita, úvula ululante,
quem gerou os arcanjos e os andróides de Gerião
tapa – tiro – sopro – whisky on the rocks

desperto: escuto em silêncio: Heqet Heqet Heqet
coral das rãs, séries, desequilíbrio com as estruturas
sobra dos peixes, Mary, última vítima do estripador

soco na cara, porra! – o último dos kamikazes –
chute no saco, fera? – o abominável homem das neves –
o abominável homem das séries, seria Weber?
o abominável homem... seria Blake?
seria admirável, o espanto diante do Melocórdio?
groove – tala – tocata e fuga – clack bum

desperto: escuto em silêncio: enfim, Meretseguer
nuvem de areia, cume / somente nuvem, vale
o caos e o nulo / somente onda, quase
força, a palavra oculta / somente sobre meu cadáver
duro, ducto direto à verve do poeta / fluxo de encontro a Ti
súcubo, sempre descalça / quanto Te vejo
Tua face, Teus cabelos pretos / não precisar tanto de Ti
meus cabelos ficaram arrepiados / isso não procede
meu membro duro feito um tijolo / isso sim, sucede...
a Ti – tanta – tragédia – trouxeste

VI

entre mim e Ela, o verbo
as descrições de um rio
nem tudo se transformará, nem tudo transita
algo transborda ou não, apenas aposta em algum consenso

entre mim e Ela, o aceno
mal percebo o lenço contra o horizonte
não vejo a parte despida para dar adeus
não posso ler, daqui, os escritos no seu corpo negro

entre mim e Ela, um projeto
dilatar as pupilas, diante dos doutores

diabolicamente me insinuo, já sou macumba
no Egito de Toth e de Hatshepsut

entre mim e Ela, a mesa
em cada ponta da mesa, uma mônada
em cada canto, engenho e hýbris
murmúrio no vale de Ur

entre mim e Ela, Aquiles e a Tartaruga

VII

não sei se foi semente vinda do Espaço
não sei se viva, veio do mar
não sei se sempre

mosca

serena, flana feito nota
sobre a supercorda, incerteza
por onde deve passar

teia de aranha – mosca

por isso laço
voo na nave de Rodak
o criador do teatro

ratos medonhos –
teia de aranha – mosca

por aquela moça
eu faria tudo, menos
um, zero menos um

bando de margays famintos –
ratos medonhos – teia de aranha – mosca

por essa ponte passo
Orlando atraca-se com Rodomonte
foda-se Orlando, foda-se Rodomonte

chacais, protejam minhas bolas –
bando de margays famintos –
ratos medonhos – teia de aranha – mosca

Samael, sou totem
mirando a eternidade, menhir
valho-me da mente

bengala branca – chacais,
protejam minhas bolas – bando de margays
famintos – ratos medonhos –
teia de aranha – mosca

Prócris, dessa vez não morra,
não se esconda, na moita
Samael deleita-se contigo

tocha,
terceiro olho na frente de Baphomet –
bengala branca – chacais,
protejam minhas bolas – bando de margays
famintos – ratos medonhos –
teia de aranha – mosca

Górgona, fala de pedras
minha boca está cheia de pedras
faço isso para não gaguejar

Matsya,
cercado de água e nada – tocha, terceiro olho
na frente de Baphomet – bengala branca –
chacais, protejam minhas bolas – bando
de margays famintos – ratos medonhos –
teia de aranha – mosca

come letra,
entrar em coma antes de falar
Maya, tenho certeza

as metamorfoses de Ápis:
taça, auspício, hospedaria de Minos – Matsya,
cercado de água e nada – tocha, terceiro olho
na frente de Baphomet – bengala branca – chacais,
protejam minhas bolas – bando de margays
famintos – ratos medonhos –
teia de aranha – mosca

sou piadista
apenas finjo ter medo
para não assustar

o Homem no boi –
as metamorfoses de Ápis: taça, auspício,
hospedaria de Minos – Matsya, cercado de água e nada – tocha,
terceiro olho na frente de Baphomet –
bengala branca – chacais,
protejam minhas bolas – bando de margays famintos –
ratos medonhos – teia de aranha – mosca

Hapi, sou ave de rapina
estou no terceiro planeta longe do Sol
não me demoro

Mulher de todos –
o Homem no boi – as metamorfoses de Ápis:
taça, auspício, hospedaria de Minos – Matsya,
cercado de água e nada – tocha, terceiro olho
na frente de Baphomet – bengala branca –
chacais, protejam minhas bolas –
bando de margays famintos –
ratos medonhos –
teia de aranha –
mosca

VIII

Alga Glauca, estenda-se sobre a água
doce, preparo-me para a hecatombe,
pode me chamar Tumba
Thot, séries no lugar das estruturas,
isso é que você escuta
na Passacaglia de Weber?
minhas invenções, começo pelo código
minha disposição: semear levantes;
enuncio o voo das aves rumo ao sul
daqui, posso ver onde jogar as bombas...
gralhas hão de celebrar meu nome Tumba
mochos clamarão por meu outro nome,
aquele, quem nunca descansa, mesmo
quando dorme ou quando se desespera,
tábula rasa, nem Hermes compreende
tudo, só no fundo do Orco, a alma
clama, são centenas de lugares ermos,
milhares de milharais com espantalhos
curvos, balançando sobre as próprias sortes...
pode me chamar Morto

Alga Glauca, caminhe sobre as areias
descalça, as plantas dos seus pés são únicas,
capazes de transformar a areia em vidro
– mil cacos de vidro sobre os desertos
as dunas brilhantes quando a noite cai,
granizo, confunda-me com gafanhotos,
pode me chamar Locusto –

vidro, pretendo erguer variadas paredes
de vidro, qual nas muralhas de Eryx,

pedra sobre pedra, ante as cumeeiras
pedra sobre perdas, nada para lamentar
perdas sobre perdas, eu fodo sozinho
perdas sobre pedras, essa é minha nave
– foda-se como me chamam –

IX

número
provenho da matemática do nóis
uma cova
cavo
procuro pelos círculos feitos nos milharais
duas velas
velório
meu corpo descansa através dos círios
três viúvas
vínculos
o sobrenatural me assombra
no correr das eras
quatro cantos do caos
gruta
vejo nas paredes cervos e bisontes
estrela de cinco pontas
musgos
murmuro as pragas novamente
pelas seis direções do espaço
pelos sete mares do planeta Marte
reflexo nos oito olhos do gigante
símile de Samael

SEGUNDO LIVRO

I

quando o Buraq surgiu
e me levou para Cuba
ela estava de burca

eu disse – Mula
quero ver tua face de fera
ao som de umas rumbas

Pavão
estende tua cauda múltipla
quero ver sua bunda

ela me disse
– Abutre

II

encolho-me no velho casaco
o sopro é gelo, esses objetos objetivos
metade matéria, metade antimatéria

o frio é apenas questão de graus
entre tantos outros, posso ser zero,
absoluto através de tudo, vestido de preto

pareço de luto, mas é militância
sei de cor um sutra, aquele reclamado agora,
– hora de dar o fora daqui? –

caminhar ao lado da boca de lobo
seu vapor, logo de manhã, é névoa branca
os fantasmas do lixo sabem subir

rios afluem dali, a inquietação discreta das nascentes
tragédias em cada gota
acúmulos de nuvens no céu lembram do chumbo

a bomba, acabei de acender, trago em minha mente;
seiva vegetal corre no pau de ferro, próprio dos trilhos...
já não me lembro de nada

névoa e detrito, olho da ratazana brilha
no escuro do esgoto, o vermelho diz avante,
meu olho vermelho avança, rumos da revolução sangrenta

sou fuligem, isso me camufla
não passo de sombra, homem na multidão
– Paolo Pinocchio é meu amigo –

pois em setembro posso descansar, no hemisfério sul
os gerânios, suspensos nas janelas, vão chegar ao chão,
escadas quando a tarde cai

minha sombra sobe por ali, se é noite escura,
antes do galo, antes do tempo de cruzar os vales
mesmo com alguma alma, pena para quase nada

projeto para quase nunca, enfim sou máquina
meu cérebro não passa de séries de dados,
já não há acaso, tempo para tudo

mesmo nessa ilha, sob meu casaco
pano para vida inteira
inclusive nas estampas do forro

capa de quem anda à noite, na morada dos sóbrios
ninguém imagina, pois tornei-me um ébrio,
bebo sempre antes de sair de casa

antes de sair de Lemúria ou Eldorado,
lamento, não encontrei a morada dos deuses malditos
nem o ouro das revoluções

a milhas e milhas daqui, o mesmo campo minado,
a poesia blindada dos proclamadores da guerra,
queria que meu corpo fosse tanque de guerra

sou retalho, estou aos pedaços
entretanto, mantenho o verbo, lâmina afiada
boca para blasfemar

eu sei, são as rãs, ouço seus coros
cigarras assomam em voo rasante
esses sons ecoam quando eu fodo

essas palas surgem quando eu falo
“o cão latiu na noite pela rua
seu raciocínio alcançava a Lua”

também medita uma cosmologia
esse cão é o demônio astuto, ele quem diz
o próximo passo é descobrir-se coxo

resolva essa contradição, sou seu enigma
mancar enquanto voa, esquadrilha das poupas
voo do Buraq e do Abutre

III

Buraq e sua burca

Medeia
em cada parte, corte

Lilith
não me abandone
nunca

Joana
arda sobre mim em chamas
feito tocha
humana

enfim, irmã Morte

IV

anjo de setenta faces
há setenta línguas
dentro de cada boca

quatro mil e novecentos selos
quatro mil e novecentos ósculos
quatro mil e novecentos pares de olhos

quatro mil e novecentos pares de seios
quatro mil e novecentos montes de cabelos
quatro mil e novecentos mundos possíveis
quatro mil e novecentos barcos, para nunca mais voltar
quatro mil e novecentas centelhas / são insetos
quatro mil e novecentas noivas / todas descalças
quatro mil e novecentas milhas por hora
quatro mil e novecentas orlas marítimas
quatro mil e novecentas obras póstumas
quatro mil e novecentas palas / porque estou chapado
quatro mil e novecentas boquetes

V

não quero ouvir
não quero saber de nada
não há esfinge
no meio do caminho
nenhuma pedra
nem mina de campo
não quero saber da loucura
vinda das montanhas

alguma dúvida?
soma
sopa feita com os cogumelos
sou metade homem,
outra metade, seiva
foco – minha ave avisa –
não quero me ferir agora
logo agora,
eu estou diante do logos

ave de rapina
rapidamente fico sobre duas patas
com elegância
me destaco entre os aviadores
os aviões se foram
os mosquitos voadores tombam abatidos
pelas minhas bombas
minhas barbas brancas
meu pacto com os demônios

aquilo que punge
diante das imagens
– ao rés do chão, sou Freud
em busca da Gradiva –
procuro pelos pés de Eco
oculta dentro do Buraq
– trinados para trinta pássaros –
calculo todos os números
diante da matemática

VI

em uma noite escura
a noite do Buraq, por ventura
sem a burca, Buraq
sua boca me chupa
estando minha casa sossegada

este é meu ovo, Abutre,
voa sobre o mar cor de vinho, ave
dentro do ovo, dúvida
sobre você, meu urro
sublunar, forno para meu ouro

filosofia pura
Buraq, cai pela filosofia
corpo – vejo suas pernas;
ânimo – sinto muito;
espírito? – apenas o das drogas

este é o orvalho, Abutre,
muco entre minhas coxas de mula
atraca-se comigo
já não tenho mais burca
posso voar por todas as esferas

Buraq, sua voz...
papel de seda, selo em minha língua,
aceso, esse vulcão
lunático, são brasas
para o Buraq atravessar descalça

sou sua rosa, ave,
seis pétalas... são três pares de asas...
meus pés, duas asas;
mais duas, em meu dorso
de mula; cabelos-asas-da-cuca

eis-me soturno, moça;
terminou a chuva, pássaro gris
pousou na minha sorte,
na seiva vegetal
que te escorria da boca, soçobra

só te resta rezar
então, apenas ora, observa
toma meu Zippo, acende
aquela bomba, vamos
fumar enquanto o tempo passa, pássaro

o teu Zippo dourado
Buraq, foi presente de algum
turista?... estou calmo...
entrego, pela décima
vez, o líquido com sutilidade.

são os ciclos das cores
Abutre, nem tudo é sempre escuro,
há tempo para o chumbo,
– tempo do livro mudo –
tempo de fumar a última ponta

nosso laboratório,
abrem-se todas as janelas, nele,
posso enfim ver, Buraq,
como você é, voz,
não há poética que te descreva...

então entende, Abutre,
o corpo há de fazer sentido, enfim
te trouxe aqui inteiro
no meu dorso de muitos
a poesia flui, sempre demente

sempre demente, mora
na cabeça, poema cerebral
floresce, isso sei
de cor – evoco Flora –
é meu o ouro das revoluções

então me fode, Abutre,
lê, relê, observa atentamente
o livro verde, letras
em meus cabelos soltos,
letras nas plantas dos meus pés descalços

planície da delícia
em meu rosto, o Buraq passeia
levemente, sem lua,
nem sol a pino, só
sonho, o sonho lúcido do Abutre

VII

setenta meses de chuva
sou outra onda
meu reflexo me mostra
na tela do osciloscópio
entre o vale – o fim de tudo
ou
no pico – aquele se espalhando pelo braço

estou com sede
escolho aquela que trazia o vinho

VIII

enfim
epifania de Flora
árvore enorme
entre minha capacidade
e
o cosmo

IX

estou de volta

tudo na rua agora
é signo de si mesmo

nenhuma leitura
na boca de lobo

mal vejo seu vapor difuso
água na nascente do rio

em cima dos muros
a gatinha mia

três cachorros marcham
silenciosamente

em paralelo
isso é o mais próximo do mito

Ana Maria Isabell

a dialética da
autoestrada

A DIALÉTICA DA AUTOESTRADA

se principia
sim
se começa em mim
tenho certeza disso

quase nunca tenho tantas
traçadas em amarelo ouro
os trabalhos e as noites
outra vez este luar tão claro

descansaria justamente aqui
meu céu menos escuro
minha utopia vai se resumir
próxima do asfalto

ali passava trilhos de trem

posso te ultrapassar
se for irresistível
não vir atrás de mim
seria faro, furo
ir nisso tudo tão fundo?
aí
ai
aiiiiii
ah

havia alguma praia
estava agora há pouco diante do oceano

distante
a dialética das plantações de mato

quem diria?

há mais mais mais estrelas no céu

completamente louca

entoaria loas loas
litanias para suavizar as dores
faz pouco tempo o tempo do sal
salsugem
maré maré maré

me poupe
laisse moi
leave me alone
se manda !!!!!!!!!
por isso mesmo, prosseguir
por isso, prosseguiria mesmo
mesmo mesmo mesmo

vruuummmmmmmmmmm

mosquitos voadores
sobre os céus em guerra

ziz ziz ziz zuuuuuuuuuuum
zaummmmm

os mosquitos são aviões de aço
sobrevoam as cidades de todos os países
todas as estradas
as fabulações negras durante a noite
a noite cai

agora há pouco
sal
sol
céu
tudo de bom
de bomba

hora de voltar
obra de arte
esse meu ofício?
creio que sim
que seja

seja já
um haicai
uma cereja

irmã Lua
não demore
para iluminar
o solo

não sei o significado de solstício

sem mistério?
a areia quente, quase queima
agora, sob minhas veias, veios
sob minhas plantas, pregos
pedregulhos me furam feito parafusos

em qual fuso fui parar
naquela noite tão negra?

no meio da rodovia
o amarelo ouro

nitesce?

diria brilha
ficaria nítido
fincaria fundo

chumbo?
o asfalto cor de chumbo
da densidade do chumbo

nuvens de chumbo pairam sobre minha cabeça
não vou pisar nos astros distraída
sei por onde ando
quando ando descalça
e
a pé

faço assim para ver ou não ver onde piso
evito os caminhos lisos
prefiro os frios
para ficar esperta

então, você se sente viva?
isso explica

explica

explica

explica

explica

prefiro ver aí conquista
p e r s e v e r a n t e m e n t e
prefiro ser contraditória
meu modo de afinar a voz

vai parecer atrocidade

loquaz
ali eu não gritaria feito grito em casa
eu não gritaria feito grito em casa
não gritaria feito grito em casa
gritaria feito grito em casa
feito grito em casa
grito em casa
em casa
casa

mente pela sacada
minha alma sem espelhos mira
miro meus caminhos quando arremessar o disco
enfim

na autoestrada escura

Bastet
me ilumina em abismo
e por acaso
reflexo
amarelo claro
vermelho estreito feito Lua minguante

Flora
me mantém maluca

Hécate
me machuca
nos trechos onde não vejo pelo que passo
me fira sempre que possível
opção
pré-texto
pretensiosamente bastaria estender os braços
balançar as mãos
distender a perna, escultura grega
dançar depois de Isadora Duncan

certamente
não faltariam cavaleiros para me salvar
enfermeiras vão cuidar de mim
para a maioria
aceno do acaso

acaso saiba
agora é noite cerrada

mas não ergo o braço

seixos cactos cascos
sobras vidros farpas
pregos lascas bichos

restos dos exoesqueletos dos insetos
as mil patas dos miriápodes

cócegas, dentes sob meus pés

cobra verde escuro cobra de vidro

fumo verde, protetora folhagem

vidro, delícia de pisar e ferir

asfalto frio, beijo que não passa

os seixos? sei – os seios? esses índices empinados

trejeitos de bailarina, quem diria

descalça sobre o tablado vou dançar flamenco

em alguns trechos, CRASH, vidro quebrado

com sorte, alguma coisa acesa para me queimar

antes serena, serei lunática fora da água
maresia, Gaia me protegerá

Lilith, a nuvem negra encobriu a Lua
não há automóveis pela autopista

aragem nas copas das Hamadríades
lufada de ar, sopro dos dragões de vidro

Ts'ui, minha felicidade fere, não tente
Ts'ui fariam os pássaros para me bicar

atalaia desnudada na neblina
nenhumas lanternas em nenhures veios

sou peixe dos abismos
suporto bem o peso da matéria escura

alguém me diz, o próprio corpo
libera algumas drogas quando sente dor

a poeira cinza parece perfume
uma neblina
cola, parece óleo
gruda feito piche

meus pés cruzados parecem duas asas
quando for parar

CINCO POEMAS FEITOS COM ESTILETE

I.

seria simples se fosse só isso
duas tábuas de cera para meu decálogo

passe-me lo palidio

ponta do compasso
lâmina estreita – salve minha alma

*my slave soul
don't let me down*

me lembro do afresco de Safo
via no museu de Nápoles

stylus et pugilare

a grega parece colegial
o lápis, nos lábios
os cadernos, nas mãos

2.

que frescura, safo no afresco!
será que ela se corta com o estilete?

no meu tempo, eu me cortava com compasso
levantava a saia de colegial, debaixo da carteira

mangá, você pode imaginar, eu ficava assim
Sailor Moon, no dia da Lua Vermelha

3.

entre Camila e Carmila
há erres de diferenças

entre seus d e n t e s
 e
 n mares nunca antes navegados
 t
 e
 s

 na epopeia
entre mentes – Camila veste a armadura

logo

koré com algum estilo
arranhar-me-ei ao menos
com uma das duas

4.

imagina só
Safo
se você fosse mais velha
eu mesma
musa
de menoridade
somenos importância
você daria ao fato
de que seria rapto?

então me corte
Safo
antes que seja tarde

5.

estou de braços sobre o divã
enquanto as coristas descansam
alguém cuida dos meus pés

no vaso grego
Safo, pintada de vermelho
me cobre de óleo

isso não é fácil
ela me usa, sou seu livro
sinto cada letra sua

TRÊS POEMAS FEITOS SOBRE O ARAME

1.

isto não é poema
é conceito

me imagina amarrada com arame
sou soneto:

quatro voltas nos ombros
quatro voltas nos pulsos
três, nas coxas
três, nos tornozelos

2.

Pyotr Pavlensky
enroscado
no rolo de arame farpado
nu
em frente à Assembleia Legislativa de São Petersburgo
na Rússia

Singalit Landau
dançando hula
com bambolê feito de arame farpado
nua
entre Jaffa e Tel Aviv
as praias de Israel

3.

minha utopia?
estar dentro da pensadora de Reinhard Schell
a pele se fundir com o arame farpado
o aço cola
não haver espaço entre o material e a derme
essa acupuntura
minha única cura

SUSPENSA EM TRÊS POEMAS VISUAIS

I.



2.



3.



SETE POEMAS SOBRE SETE DORES

I.

conte comigo:
uma argola no supercílio
no nariz, mais uma
nos lábios, claro
vários brincos
nos lóbulos das orelhas
dois círculos,
um para cada seio
três no umbigo
imagina mais cinco

2.

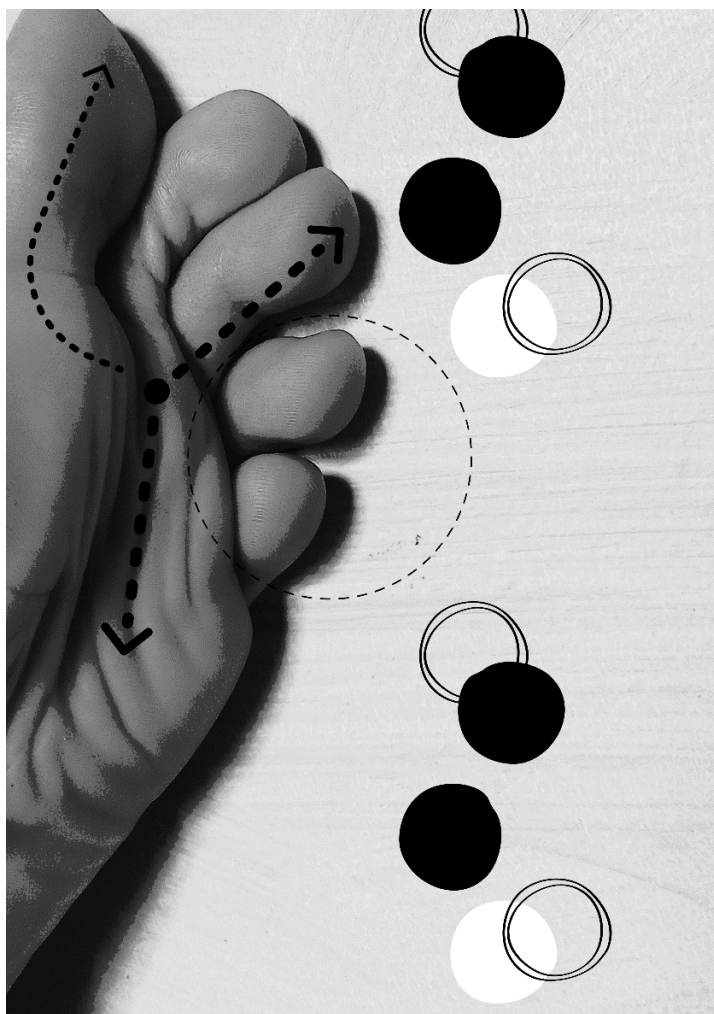


3.



areia – vidro

4.



podometria para podolatria

5.

se eu quero enlouquecer?
ficar bem alta, quase suspensa
entre a laje e o teto?

cravo
crivo
cara
cera
cardo
cerdo
cerda
corda
carpo
corpo
certo
corto
curto

6.

o que, justamente, não incomoda
é o tempo transcorrido entre o primeiro nó
e o último, a dor percorre tudo
isso em forma de curva

o e, u a en e, ão in o o a
é o em o an o i o em e o i e i o ó
e o ú i o, a o e o e u o
i o em o a e u a

qu , j st m t , n c m d
t p tr sc rr d tr pr m r n
lt m , d r p rc rr t d
ss f rm d c rv

7.



janelas para Isabell

TRÊS SONETOS BDSM

I.

três... algo bem enroscado, as cobras
algas em voltas, elas são sargaços
as cordas, essas sim, são das que gosto
mais voltas das cobras e dos sargaços

às vezes, uma só basta, precisa
longa o bastante para ser ao longo
fina, se queres cortes, sempre marcas
múmia, pacote, camisa de força

própria da loucura: consulta um site
sobre ballgag, shibari, bondage,
a resistência dos materiais

tudo para ser opus, obra, arte
arte do corpo, são os octopus
meus quatro membros mais alguns tentáculos

2.



3.



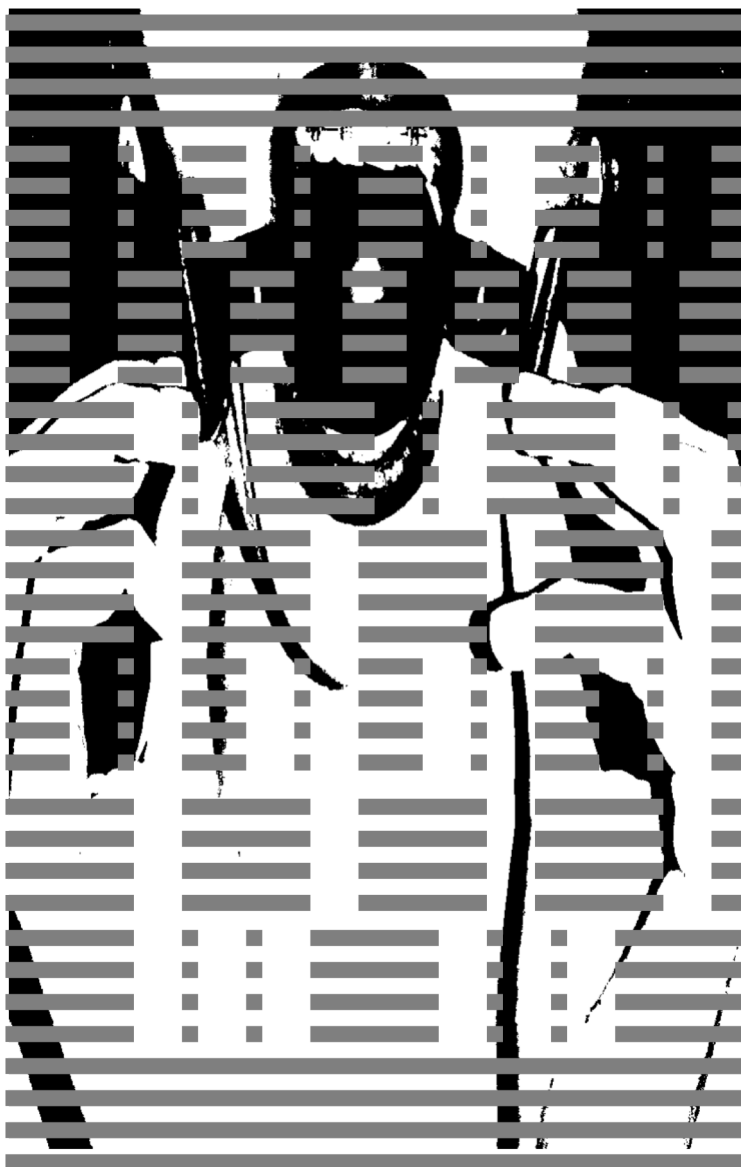
I.

[illegible]

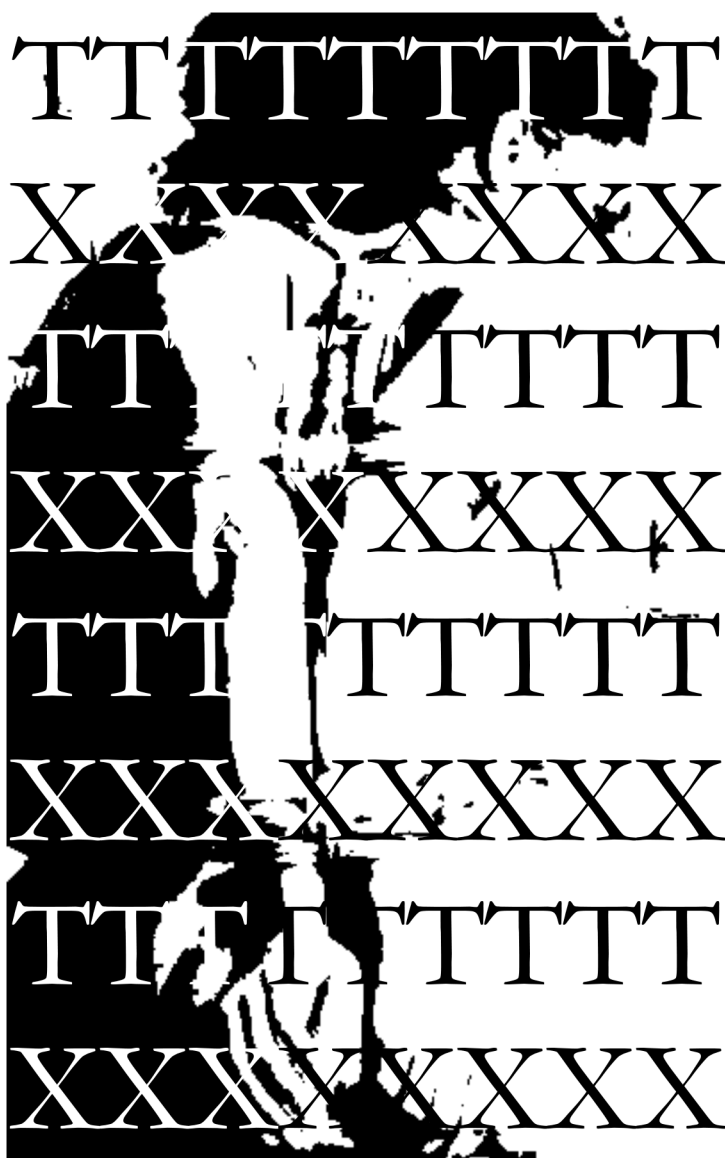
[illegible]



SM EM TRÊS POEMAS VISUAIS



ballgag em polifonia



bondage letrista



poema referencial nº 1

Juliana Bruno

a filosofia
dos
cabelos
invertidos

CADEIA VERBAL

se
por um acaso
você fosse presa
seu corpo em cena
diante da milícia
quem você invoca?

Hannah Arendt
eu não invocaria

sou
mais
Hildegard
von
Bingen

VÁ NO DIVÃ

em meu perfeito juízo
imagino como seria
beijar Kant na boca

quem sabe
talvez melhor que Sade

mais, ainda
se me deito com Lacan
feito Santa Tereza
vestida de biquíni

SUPER-HOMEM

e por falar em biquíni
às vezes me imagino
sou Lois Lane
saindo da piscina
posando de pin-up

por isso mesmo
se te apraz
ler Nietzsche
duvido
que se deleite
comigo

PÁ EM PÂNICO

o despertador me diz
wake up
hora de levantar

avante, adio
outra relação complicada
com minha amiga sombra
teatro
projeto da invasão de campo
aquário, janela para guerra
dança das plumas e das rocas
fuso que não tarda

NOONAUTA

crânio, meu chapéu abóboda, céu
cartola, chaminé
boca de fumo desfeita em fumaça
– talvez assim esteja pronta –, salva
de fogos para iluminar os tetos,
saraivada de balas

sussurro, sua língua
parecia que dizia dhin dhin
dhage
tirakita
tu
na
kat
tha
dhage
tirakita
dhin
na

VINHO

imagine só, quando imagino
vou pela sombra, vou pelo som
murmúrio, subo pelas paredes
sobe por minha cabeça, CHI
sentinela sem noção, sem sombra
de dúvida, dessa vez vou dançar
descalça nesse barril de uvas

LEITE

fazer um poema sobre o leite
posso começar fingindo...
eu me lembro
desenhar a mulher detida em maços de flores
e seu abraço – imitando Rivera –

mas – no Leite-bar Korova – eu me lembrei

da 1ª vez
era quente, tirado da vaca
da 2ª vez
tão frio, trincou o copo de vidro
da 3ª vez
ele veio dentro do tetraedro
pronto para se derramar no chão
no meio da sala

MEL

para o linguista Émile Benveniste

não giro tanto assim
com tantas voltas

se revoluciono
fico cada vez mais longe

também não preciso fazer-me de infinita
mudar do círculo para rodar em forma de oito
ser a planta de uma autopista

ÁGUA

para que se faça água
duas ânforas
entre azul e vermelho

lápiz lázuli
na asa da meganeura

vermelho terra me fará vermelha
três quartos abaixo dos joelhos

por isso é salsugem
– alguma alma líquida
nesses cantos hídricos –

GAROTA DA CHINA

Tao

Te

Queen

IS THIS THE REAL LIFE? Nº 1

Max Planck observa o plâncton
a bioluminescência na superfície do Mar Morto
deixa o físico absorto em seus pensamentos

IS THIS THE REAL LIFE? Nº 2

o que teria sido se
em vez de abelhas
Gregor Mendel
tivesse conhecido
Gregor Samsa?

IS THIS THE REAL LIFE? Nº 3

pois em verdade eu já fui Empédocles
já fui – sei lá – Xantipa
fui a sarça ardente – cannabis sativa
pássaro – pulpa
ardente peixe do mar – extinto pássaro roca

IS THIS THE REAL LIFE? Nº 4

se eu pilotasse a arca de Noé
e não esse rebocador de merda
eu poderia dizer
– lutando pelo mundo –
eu sou poeta?

IS THIS THE REAL LIFE? Nº 5

sobre o tabuleiro
no nordeste brasileiro
o Sol abrasante

o Sol anarquista
brilhando no tabuleiro
é puro açúcar

pedaços de coco
rodela de abacaxi
bananas da terra

também penso em Freud
por quem minha latência
passeia entre as frutas

ÉDIPO POETA

quando você quer muito uma coisa
poeta
morar em Paris, por exemplo
imersa na canção francesa
– ouvindo aquelas merdas –
pense em Édipo vagando cegamente
e
quem sabe
subvertendo Jocasta
você, abrindo os braços, grite
filho!
me foda feito sua vaca

I CHING COM JOHN CAGE

ontem
eu comi um cogumelo
e foi como se eu ouvisse
ao mesmo tempo
vinte e quatro prelúdios e fugas
do cravo bem temperado

I CHING COM STOCKHAUSEN

encontrei
aleatoriamente
Stockhausen em Woodstock

perguntei
displícientemente
se ele veio para ouvir o Jimmy Hendrix

I CHING COM STEVE REICH

se eu me encontrasse com Steve Reich
no metrô de Nova Iorque
talvez ele me flagrasse lendo Traffic

BLOWJOB COM CARL GUSTAV JUNG

sou apenas uma diva
contente-se com minha boca

onde ouves estalo
será o clack do meu salto

jump! Jung
sapo em sua lagoa

— sou seu hexagrama —
jogue-se em minhas loas...

BLOWJOB COM NOAM CHOMSKY

para Luiz Rupestre

uma ideia verde passou por aqui
tão colorida como os quadros de Van Gogh
tão barulhenta como as peças de Russolo
que delicioso perfume verde vem desse fumo!

a noiva parece dormir
– mas não se engane
estou bem acordada –

meus olhos mal estão fechados
minha boca é só prosódia
em sua forma lógica

BLOWJOB COM KURT SCHWITTERS

fuck my mouth wö tää zää uu,

porn gift,

kwii ee.

.....(1)

moooooooooooooooooooooooooouth,

.....(6)

dll rrrrr beeeee mouth

dll rrrrr beeeee mouth fuck mouth,

rrrrr beeeee mouth fuck mouth you,

beeeee mouth fuck mouth you tää,

mouth fuck mouth you tää zää,

fuck you wö tää zää uu:

.....(5)

SEXO LÉSBICO COM JOYCE MANSOUR

uma rumba
dois seios
três dedos de prosa

quatro, coragem para luta,
são cinco horas da manhã

seis seis seis é o número da Besta
sete piteiras – refiro-me aos agaves

oito, dois seios novamente

nove, dez, vinte goles de uísque
todos pitagóricos

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

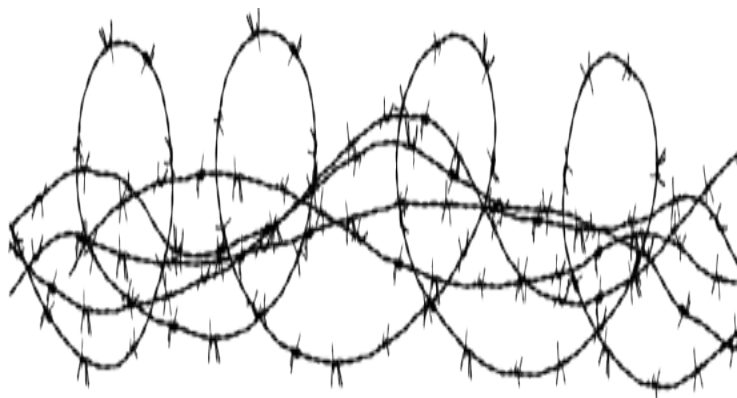
não sei se John Willie amarra
Isadora Duncan descalça

não sei se Tom Of Finland chupa
Michel Foucault de pau duro

não sei se Alison Bechdel curte
Gertrude Stein

POEMA VISUAL I

transei com um músico eletroacústico
e a foda saiu assim:



ARTE PORNO

zen for dick head
Nam June Pike

vagina vibes
Shigeko Kubota

SM barbed hula
Singalit Landau

GANESHA

ontem
enquanto dormia com Shiva
em sonho
ele me dizia:

você escolhe
se serás Gretchen
no jardim de Speer
ou
se serás Rosa
epifania de Durga

O MONSTRO DE FRANKFURT

como teria sido
se Victor Frankenstein se importasse
com a reprodutibilidade técnica
da obra de arte?

CALÍMACO EM AMSTERDÁ

existe sim, juro por Cibebe,
ervas de algumas cores:
purple haze, orange bud, white widow
silver haze... jack harer...
black domina? desconfio de mim

ORLANDO EM AMSTERDÃ

em sua busca pelo coffeeshop
Orlando se perdeu pela cidade;
faminto, apelou por hot-dog
via ervas em todos os lugares...
enfim, distante do museu Van Gogh
e apesar de todos os pesares,
com calma, enrolou o baseado,
mandou fogo – Orlando está chapado!

JULIETTE EM AMSTERDÃ — *PRIMEIRA VERSÃO*

Juliette passeia pela Warmoesstraat
iluminada pela luz neon dos sexshops
a personagem reflete sobre a dialética

JULIETTE EM AMSTERDÃ — *SEGUNDA VERSÃO*

Juliette passeia pela Warmoesstraat
iluminada pela luz neon dos sexshops
reflete sobre a dialética do esclarecimento

BLOWJOB COM IAN ANDERSON

mister Lomas
– posso te chamar de Ray? –

então pode me tirar as roupas
my day fashion shoes são seus

you suck my toes
nessa hora, em meus umbrais
escuto um haicai:

eu chupo seu pau
too old to rock'n'roll:
too young to die!

NEBULOSA JULIANA

no Museu D'Orsay
Edwin Hubble se detém diante da *Origem do Mundo*
de Gustave Courbet

anos depois
me detenho diante de Hubble
pose para Courbet

GEOJULIANA

à noite
no meu quarto
discuto com Platão a geopolítica do cosmos

anos atrás
na planície do assoalho
a crise entre a jujuba e a naftalina

CONCERTO PARA JULIANA

missão Marte
ao som das curvas senoidais
minha nave tem forma de míssil

na rádio toca Khachaturian
– não é o adagio da suíte do balé Gayane,
mas a valsa da Masquerade –

NÚMERO JULIANO

estou em Samos
dessa vez começo pelo aulo
diga didgeridoo

cercada de mar
formam-se ondas dentro do tubo sonoro
pontos, provavelmente

JULIANA EM REGRAS GRAMATICAIAS

estou em regras
meu corpo é meio Lua
sou metade ave, metade mulher

são outras regras
esqueça das estruturas
pensa no marxismo

JULIANA E SUA RETÓRICA

Juliana em sua janela
Ahab sem perna
Saci, chapada de fumo

medito no átomo de carbono
em forma de flor
Ceres e a Quimera

LÓGICA JULIANA

ah! um Buraq pousou na minha sorte
pretendo visitar a Lua
agora, quase no fim, acende aquela lâmpada

pergunto qual é mais pesado
um quilo de algodão ou um quilo de chumbo?
é lógico que é um quilo de chumbo!

Wagner Corsário

malditos sejam
todos vocês



NOTÍCIAS DO PLANETA VERMELHO

putz...
pizza!!!

plenilúnio
você farfalha na floresta
) sua prosódia
por Deus
é tão pentelha... (
mesmo assim fiquei fodido
você me fodeu!

* * *

o sofá vermelho
minha imaginação me diz vermelho
a memória certamente falha

* * *

um haicai
porra
no sofá vermelho
nem me lembro mais...
a memória pronta para me salvar

* * *

filha da puta
espero, nessa altura da vida
– da estrada da vida –
a que ponto eu acabei de chegar
a poesia diz limite
limite-se a descansar
descansar
descansar

* * *

consertar esta merda de rede
concertar esta merda de rede

* * *

olha...
melhor assim, escuta!
não há nada que não se discuta numa relação
não há mais nada para se salvar
mira no horizonte
quanta gente se afogando agora
você se levantará da mesa
sem demora
demore o tempo necessário
demore para arremessar os seios
as saias
saia daqui!

* * *

e pensar que pude ser tão...
) agora engasgo (
– nada de poeta gago
sou poeta prolixo
sou poeta pró lixo
sou o poeta que vai diretamente para seu cesto sujo
chute no saco
sua metade morte –
mesmo assim
fui

PODEMOS SER AMIGOS POR CONTROLE REMOTO

justamente quando
quando, justamente,
pois
no descanso dos justos
– porque eu merecia isso
quanto eu merecia isso... –
quando não estava lívido
quando não havia dívidas
quando me vesti bem
e você
também

* * *

foi por que eu vim?
foi por que eu vi?
– meu nome de verdade completaria isso –

* * *

me deixe adivinhar
) isso se dava no caminho para onde fomos
feito estivéssemos sós (
você é leitora de Cruz e Souza

por isso mesmo
não suporto bossa

prefiro
mú – si – ca
e
l
e
t
r
o

A

cussssssssss

ti ti ti ti ti ti ti ti ti ti ti ti ti ti ti
K A

* * *

ainda há pouco
eu era ás no pássaro de aço
às voltas com as gaivotas

albatroz, assim pousava
mancava de uma das pernas
sou Jacó, Ahab, doutor Don Blake

sou o coronel Steve Austin
meu olho biônico mira
fita seus ombros

radiografa
gravo sua voz
medito sob seus pés

* * *

não sou seu amigo robô

excrucior

talvez a morte seja só ferrugem

oxigênio envenenando devagar –

você sobrevive só porque traga um pouco por dia

– na métrica das epopeias

minha frase é bastante adequada

excrucior

só não me deixe em frangalhos

ainda preciso voltar para minha terra

excrucior

muito disso é retórica

O DELEITE E O DELETE

quase tudo, menos a ballgag
não interessa se veio de Amsterdã
se tem furinhos para respirar
esferas em três tamanhos
— é só questão de click —
nisso você para

sua boca não se cala
você também quase não me beija
mesmo eu dizendo aprecio o paralelismo que,
por ventura, o aparelho dá à sua boca

* * *

enrola, mas você responde
os nós somos nós
nós outros deitados de bruços

repentinamente, são soluços
o choro é um tipo de música eletroquímica
desmaiar não implica perder os sentidos

* * *

no entreato
a câmera escura
nosso desconhecimento de 96% de tudo

meu amor suspenso entre o chão e o teto
qual se balançasse em parques de diversões
e
o laptop
atento
guardará alguns segredos

FUROS NO DISCO E NO PAPO

eu, você, alguém...
desliga o rádio

dispenso esse passado

esses resmungos baixos
parece alguém sofrendo

música para os fracos

vou precisar de frascos e frascos de alguma droga
se vou ficar até o fim do disco

* * *

“é melhor ser alegre que ser triste?”
não desacredite, isso existe!
todo mala não gosta de ser triste

* * *

não diga que eu não desatino
caso você me diga isso
pensando nos marrecos sorridentes
prefiro o Pinguim de Gotham City

* * *

dia de luz, festa
curva senoidal
diante do mar
seu umbigo em forma de cruz
atesta, braços abertos
sobre as partituras
esses sons, os puros
ventos pelo bambuzal
seu lençol de linho?
seu lençol de linho
seu lençol de linho branco
seu lençol de linho

* * *

pelo menos uma vez
escuto
Sivuca
numa rádio de Cuba

SUCUMBIR EM CUBA POR UMA MENINA?

conto
apenas com a memória
aquela tela em nossa mente
quando descrevo
tendo a crer:
ninguém

quem sabe?
começo pelos quase cubos
as pedras polidas das calçadas
algumas pedras de gelo
numa Coca-Cola de lá

também encontrei uma barra de chocolate duro
foi a primeira vez que bebi suco de grapefruit
no café da manhã

* * *

pois estávamos diante do mar
poema neoconcretista:
mar verde – de Varadero
marco verde – as copas das palmeiras
barco verde – ônibus verde
arco verde – sua tiara
ar verde – a erva fumada escondida dos comunistas

* * *

disse
durante o dia fico ereta
feito soldada

isso
depois de atravessar a rua descalça
– pé ante pé –
assim que desceu do ônibus
em direção ao mar

de noite
naquela perna
amarra a garrafa de rum
antes de entrar na sorveteria

* * *

serás ministra!

nunca

seria

sex cymbal
tocando bateria

EX-FAMÍLIA

“cacofonia humana
em domicílio urbano”
isso era um poema de minha irmã
única que resta

música que fica
o disco escondido
o livro, entre as frestas
todos os tios

* * *

no beco chamado cozinha
todos são filhos da puta com orgulho
diante do frango assado

na rua, quebra a cara de quem te chama
“seu filho da puta”

em casa
“minha mulher é uma mãe e uma puta”

minha mãe e a sua
todas elas putas

* * *

em nome disso
tudo se faz:
certa vez minha mãe me disse
de braços abertos
– meu Deus, é Jesus Cristo! –
“um braço é você
o outro, sua irmã”

e assim, oscila minha mãe
entre janeiro e o próximo ano

* * *

alguma lembrança menos ácida?
pelo menos, duas:
polenta a base de leite,
coberta com molho de tomate,
feita por minha mãe;
a goma de farinha,
cola para as figurinhas...

* * *

os tomates pareciam bolas de futebol,
um caipira de merda sobe a montanha
em direção a Jesus – pobre palhaço –
todos são cornudos, a única bomba do brasileiro:
rojão na hora do gol, quase fico surdo
em nome dos golpes de Estado.

* * *

tumbas
os quartos são tumbas
todos eles dormem

eis o sono dos parentes:
o decúbito ventral dos tios
depois do almoço
o sabá das tias na cozinha
sobre os sofás
os cobertores velhos
sobre os carpetes
restos de plástico
nos vasos
as margaridas artificiais
vivem sem água

HISTÓRIA EM QUADRINHOS

ẽ
teria sido sincronicidade
– manifestação do arquétipo –
eu de pica dura
diante de Paulette
na livraria
chamada
Muito Prazer
?

* * *

na ficção científica apocalíptica
você perde a mão
mas não perde o tato
nada se compara a pistolas de raios
no lugar dos dedos

* * *

se eu pudesse escolher
uma das musas da HQ
para ser mulher de verdade
não seria Claudia, do Manara
nem Valentina, do Crepax
tampouco Druuna, do Serpieri
mas escolheria Mara,
do Dennis Cramer,
porque ela anda sempre descalça

* * *

em Marte ou Eldorado
na Terra Selvagem ou no Mundo do Centro do Átomo
nada pior que o sábado
quando você tem treze

* * *

enquanto isso
o homem folha fuma
vira fumaça
e
o homem farinha se espalha
.....
chapado

ROCK'N'ROLL

gosto das cantoras magras
namoradas das drogas

o corpo em forma de vírgula
tempo para pensar

o tempo do fumo
confuso enquanto dura

o tempo da coca
rápido

álcool evapora vagamente

* * *

nem velho para o rock, o cúmulo, a coca
nem moço demais para a cova
apenas na hora de ouvir uns tangos

* * *

na academia de letras
tem um velho maneta
que ainda toca punheta

* * *

a lei
a culpa
todos filhos da puta

* * *

quem sabe, na banda,
algumas bundas?

* * *

hora da bomba
hora da bronha
hora de dormir

CANÇÕES DO EXÍLIO

pombas na praça central
bonecas de sobra
o calor decola lá...

o verão em julho, Veneza
me lembra do Brasil
a mocinha mais bonita da praça
é a norte-americana loira
passeando descalça

* * *

os canais à mostra
às vezes vaza, em Veneza
tolocos de bosta

* * *

a primeira cerveja de menta,
a segunda, de cereja,
depois, outras frutas...

bêbado de cerveja e frutas
vejo a cidade do alto da molécula de ferro

diante da Europa em miniatura
sou Gulliver
pronto pra mijar no mundo

* * *

Paris, uma dica
Parc de Belleville
não me leve a mal
fale com os estrangeiros

no Miradouro Adamastor
é parecido
depois das bolotas
todos são bonitos

em Camden Town, Hórus
seu olho de falcão me salva
sinal de maconha brava
incenso fumado em Londres

se persisto nisso,
é um vício?

* * *

estou na Índia
pretendo beber suco de manga
em Goa, vejo algumas igrejas

Índia em good power
– parece nome de livro –

o amigo guia
ainda em Mumbai

apontava as mesquitas,
as moças cosmopolitas,
os corvos nos parques
em que nascem as ervas

* * *

em Miami
no mesmo mercado
você compra o rifle
&
bonecos do planeta dos macacos

* * *

meu caro
veja minha cara de borracha

ela muda, desfaz, enruga
não passa de duas máscaras

a do Tor Johnson
outra, do doutor Zaius

* * *

o aeroporto é um contrassenso
há fosséis enterrados ali
lépidos para tudo

é parecido a ser babá lá fora
mas também não vejo vantagem no chofer de táxi
de Havana
e sua pós-graduação em engenharia
feita na antiga União Soviética

* * *

tudo se desmancha
minha fuga sabe separar o país e a esquina
que fica logo ali

justo eu
que já confundi o talco e a coca
na hora da fissura

WAGNER POLÍTICO

a raça pura está aí para ficar
só não se parece com aquilo que acredita
que seja a raça pura do nazista

olha só como se passa no cachorro
cada raça é derivada de outra raça
que descende de uma raça anterior
daí que toda raça é misturada
só é de raça pura o vira-lata

para Paulo Garfunkel e Libero Malavoglia

* * *

o tanque ou o beque
a folha ou a farda
a erva ou me ergo
fumaça ou me atrapalho todo na hora do verso

* * *

bater em operário que protesta
bater em professor que pede aumento
fazer batida em busca de propina
cercar a malandragem na favela

fingir que é macho pra assustar quem fuma
sua maconha, comprada com cautela
ganhar do traficante no suborno
ganhar do usuário na má fé

guardar as costas de porco fascista
dar mole pra político ordinário
votar em deputado vagabundo

tocar punheta, preso na guarita
falar de boca cheia quando come
me diga, pra que mais serve a polícia?

* * *

a cidade verde
sobra

quando a bruma some
fica somente o verde
a lente de vidro verde

simulacro da Jerusalém Celeste?

pétrea
será cinza
nada além do logro

se flora?
será sumo
o suprassumo
extrato de todas as frutas

de todas as polpas
de vento em polpa

casulo?
esteja pronto para se ferir em ferro
vespa
embuste

por isso, abaixo!

* * *

todo poeta tem seu dia de deputado
no meio do verso
ele te pede um voto
depois ele te põe a urna
no meio da redondilha
) sabe lá o tamanho da métrica quando chegam os advogados (

* * *

um é filho de Xangô
proclama guerra
pensa que ninguém conhece a guia e as cores

outro é filho de Odin
pega no martelo de Thor
veio do continente perdido para resgatar a raça

eu
– filho da puta –
só escuto?

✻

agora chega!

- festa das carpas

i de Éris

– viva a Bahia de Castro Alves e de Jorge Amado

p de pia, pinguim, pirilampo

– verde que te quero verde

o de Orco

- do tiro saído pela culatra

t de tombo

tt

u da tua cara de cu

diante da KGB

PROSOPOPEIA

tudo não passa de ovo, da gema em coro
piu

te atormenta esse pingo, gota que não gora?
piu

ficou puto, a ponto de cruzar a rua?
piu

mesmo assim, esse canto canoro te persegue
piu

corneta no quartel, cúmulo do grito
piu

o contrário dos violinos

piu

Akemi Korosu

estrita
street
art

**enquanto me espera
repara
no jardim noturno**

**onde tudo para
pare
para me esperar**

**onda para tudo
ande
não desespera**

você odeia
essa parede
branca?

viu's edels
desa patricio
breit'a
e. e. e.

**minha
r**

O

**sa
oculta**

**meu
alent**

O

**tnela
uem**

¿
QUANDO VOCÊ
POR
ESFORÇO
OU
COINCIDÊNCIA
ME VÊ ASSIM
DE mini saia
PERNAS CRUZADAS
sobre o concreto
eu sou
um haikai
?

...
QUANDO VOCÊ
POR
ESFORÇO
OU
COINCIDÊNCIA
ME VÊ ASSIM
DE mini saia
PERNAS CRUZADAS
sobre o concreto
eu sou
um haikai
!

**Miron
parece
nome
de
quem
viaja
de
disco
voador**

Miron

О

Ø

Ө

Ф

Є

С

@

Ю

uva

vulva

uva

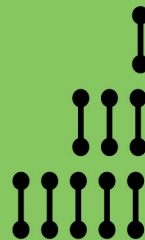
ufa

úvula

**U
R
O
UR
RO
elegantemente**

**U
L
U
L
O**
loucamente

semiótica de piercing



***** +++ !!!!!!!!! ????
?? □□□□□□□□□□ §
§§ Đ »»»»»» GGG ŒŒ
ŒŒŒ ≡≡≡≡≡ 00000
ΩΩΩ ΨΨΨΨΨΨ ΉΉ
ΉΉΉΉ ΞΞΞΞΞΞΞΞΞΞ ζζζζ
ζζζ ƧƧƧ φφφφφ ςς
ςςς ƳƳƳƳƳ666↕↕↕↕↕↕
↕↕↕↕↕↕↕↕↕↕↕↕↕ @@@@

**semiótica
de
piercing**

[illegible][illegible]

***F
U
M
A
R

A

F
O
L
H
A***

trans

passo

pela

trans

pessoa

trans

porto

pela

trans

pessoa

AKEMI HAICAI

eis akemi, hei
de temperar meus haicais
com chop suey

cale-se, haicai
se por acaso eu causar
não hei de cair

não me canso nunca
a causa de quase tudo
pode ser a cuca

meu cabelo rosa
céu, mistura de amarelo
meu cabelo liso

seios, quase sem
nexo, sou quase sem plexo
solar quase zen

um china shaolin
me perguntou se meu pé
cabia na xícara

akemi prefere
otomo yoshihide
silêncio me fere

você já ouviu
dannie richmond tocando
drums? drums? drums?

encontrei john cage
ele me dizia akemi
coma cogumelos

o que quer akemi?
um cheese salada maluco
no pão sem miolo

branca, sou arroz
vestido cor de laranja
akemi nigiri

milka noisette
alpino ovo de páscoa
beijos com nutella

adoro chupar
sorvete, dedo, buceta
akemi chupeta

mini mini mini
mini mini mini mini
mini mini saia

muitos miosótis
descalça vai pela grama
akemi formosa

akemi e os livros
lábia lebre lombra lumbrá
umbral sem limite

akemi e as meninas
conheci uma bailarina
tattoos quais as minhas

akemi e os gatinhos:
drops, mifu, satanás...
um primo de kiyoto

akemi na rede
carpa nadando sem roupa
akemi é peixe

akemi no banho
dentro do submarino
vou submergir

se livrar de mim
sabe? nunca foi tão fácil...
não existo mesmo!

AKEMI SONETO

daqui, akemi vislumbra vesúvios,
meio vesga, vejo dois vulcões, prontos
para explodir, deitada sobre a cama,
por que isso foi acontecer comigo?

daqui, akemi com suas cerejas,
cerejas não, creio que vi amoras,
amoras não, parecem framboesas,
quem sabe um dia, sejam doces, leite?

se eu comesse bastante chocolate
será que dos meus peitos jorrariam
cremes, sorvetes, mokas, milk-shakes?

se eu bebesse café, um cappuccino?
se fosse com uísque, seus licores?
em sendo com açúcar, você chupa?

akemi está diante dos espelhos
demônio mudo quase quase grita
alto lá, akemi, nunca vi moça
mais bonita diante dos espelhos

akemi está diante da vidraça
demônio mudo quase quase surta
alto lá, akemi, nunca vi colo
tão bonito assim, através do vidro

enquanto isso, na vitrola toca
o disco de vinil da underground
orchestra, música em meus ouvidos

enquanto isso, na caneca, uísque
posso sentir o gosto do carvalho
antigo, beijos pela minha boca

abri um site e encontrei akemi
não era só meu nome, era eu mesma:
imagens, fotos, todos os meus dados,
minha vida diante do teclado

você é só informação, akemi
figura no lugar de alguma coisa
traço quando alguém te escreve, linguagem
alguém se outrando em mim, akemi em outros

abri o piano e encontrei akemi
não era só a musa, era a música
poema de um compositor anônimo

vertigem, versos do escritor moderno
– estímulos em progressão geométrica –
sou efeito da sensibilidade

Luiz Rupestre

odes brisantes

ODE NÚMERO UM

Quase sozinho, no miradouro e esta tarde de Outono,
Posso ouvir o ruído branco do rio,
Imagino caminhar sobre tudo isso.
No mar cor de vinho, na nuvem verde,
Percebo as variações do branco
Aptas para o Sol – diga paralelepípedo de pedra –
Nenhuma lenda persiste nisso tudo:
Qual a serventia de uma sacada,
Que dá para outra sacada,
Que dá para outra sacada?
Escadas, procuro por alguma rapariga passeando descalça,
Sem fonte, formosa, só verdura...

Repita tudo isso diante de Ulisses e dos gregos,
Escolher entre o rio e a rede
Entre a cidade e as serras, a cidade e o porto,
Somos todos o resultado de uma singularidade,
Que se deu faz tempo.

Nos tempos em que Georges Lentz visitou Lisboa,
Nos tempos de escutar John Zorn,
Sob o céu de Lisboa,
Depois de alguma sidra,
Sou um homem do século XXI
– Minha sensibilidade segue em progressão aritmética,
Meus estimulantes, em progressão geométrica –
Apenas não sou somente eu,
Embora o fado ainda me foda
Quando estou em Alfama.

E ainda assim
Luiz Rupestre pode dizer
No lugar de tantos santos
Prefiro banhos, banhos de leite, fontes de sorvetes,
Creme, espuma e ela emerge do Tejo
Igual emergia do Nilo,
Tiamat, entre Tigre e Eufrates,
Tágide para me libertar dos tédios desta tarde.

Mas qual a trova, enfim?
Por trás, o gigante espreita; adiante, o mar?
Não é mar, preso no oceanário,
Também não é rio, sangria impossível de desatar,
Sarcasmo, não tenho,
Cultivo outros tipos de música.

Zumbido...
Consumação das moscas, das dúvidas,
Nenhum dilúvio vingará nas próximas horas
Nenhuma onda se transubstanciará
Em suas estruturas de onda, nenhuma nave,
Névoa passa pela minha cabeça,
Alguma moça toca acordeão, entretanto, faz tempo.

Minha memória não é mais a mesma
Meu mar, não espero ser compreendido por todos,
Vaga onde menos se espera
Trago aceso, lâmpada sobre o crânio,
Jinn pode não atender a todos os desejos,
Desejo não desejar.

Fumando estava a dama mais formosa,
E quanto mais fumaça, mais formosa
Na formosura cavarei minha fuga
Aquietar quem me diria, furiosamente, investe contra algo.

Pela rua da Rosa eu caminhava
E a dama, quanto mais fumava, mais formosa
A tarde – quanto mais fumada, mais formosa –
Ficaria florida, eu ficaria fumado, a dama
Fumada me fuma.
Sou voz, todos vocês e aquela dama;
Vox, o V é vaso, o O, miolo da flor, por isso,
Amarelo, o X são as folhas;
Vach... sossega, nada sei de mantras,
Não preciso de tantras nem de tantas coisas para viajar...

Clik clik clik
Shhhhhhhhhhhhhhhhh
Fazem as pedras, quicando no Tejo?
Miron, digo U
Assoviando ao inverso, engolindo ar,
Sinto, novamente, vontade de dar outros tragos.

Todavia, não se resumiria ao fumo e às sementes.
Poderia ser a moça do acordeão
O sopro capaz de dar alguma vida ao barro
Nada igual ao paletó inglês, para me proteger do vento,
Barrete sobre o cume calvo... mesmo assim, sua formosura
Não calçava meias nem palavras, seria aquela caçadora,
Quem espreita desatentamente sobre o miradouro,
As pernas cruzadas sobre a grama
Envolvida pela música do mundo, ópera Cage.

Navegante – não se fazem navios
Quais os de antigamente – aponte para minha única
Flor, vejam só, é triste, solução patética,
Modo fútil de contestar a morte da arte,
Felizmente, racharei os cucos com haxixe.

ODE NÚMERO TRÊS

Subitamente – uma visão de artista! –
Se eu te transformasse em vários vegetais
Sua carne concreta em seiva, sua linfa?
Se quero te talhar em legumes
Tenho de atravessar o mar, qual fez Nassau
Aqui só há cerejas e cerejas, isso não basta.
Minha moça tem os olhos negros, os mamilos
Como duas amoras, vintes dedos para vinte bocas,
Preciso aprender, pelo menos, vinte línguas,
Concerto para guitarra portuguesa,
Quatro baterias
E fita magnética.

Simulam-se os sopros das sirenes,
Ceres, serei seu, contanto nunca me falte...
Se minha Musa abrisse a boca,
Soaria loquaz ou loucura?

Loucura seria se ela fosse Caríbdes, em meus limites
Loucura e ela seria capaz de me envergonhar
Diante de toda a cidade com seus gritos, dessa vez, suja,
Outra mendiga diante do lixo, dos cacos de vidro,
Dos muitos modos de fazer outra caravela de merda.

Loquaz e ela não diria nada, talvez sugerisse Buenos Aires
Com os olhos, apenas um deles de soslaio...
Sol dos raios vermelhos no miradouro Adamastor
Imagino o gigante tocando bandoneon
Iluminado com as luzes de neon de Dan Flavin.

Garça, ela me diria quase...
Eu tento interpretar porque suas botinas são duras,
Sua mente quase basta para compreender quase tudo.
Ela, por pouco, não seria carne, subitamente
Ela seria planta, raízes aéreas flutuam para respirar,
Incólume... iluminada feito Flora
Acintosamente, ao alcance das minhas vozes.

ODE NÚMERO QUATRO

Na brisa, a música de Carlos Paredes.
Jamais pensei em compor assim
Explicitar a ode com tanta clareza
Cujos passos, nos meus próprios átrios, são invenções livres.
E mesmo assim, sinto-me comovido,
Tudo se passa com o mar se abrindo ao meio
Para engolir outro faraó
Sua armada de vento, seu aparato político.
Dentro de mim, a fumaça se tornaria visível nas radiografias,
Talvez meu coração pulsasse perfeitamente,
Encheria minhas odres com o vinho verde feito no Minho.
As doze cordas de aço,
As pontas dos meus dedos são da cor de cinzas,
Podes encostar nelas a brasa do cigarro aceso...
Nada me tolhe.

ODE NÚMERO CINCO

Por isso mesmo, imagino a cena...
Entre quatro paredes, fumar Um com Ernesto...
Qual música ele me diria: quero ouvir esta?
E se Ernesto, em vez de música concreta,
Me pedisse um fado?
Eu lhe diria: Ernesto, outra surpresa!?
E se ele respondesse lesto: – fados são para Os Amadores:
Desenho duma melodia
Amargura
O discurso.

E depois da brisa, Ernesto, nós voltaríamos?
Talvez ele dissesse assim:
Seria menos anarquista, diferentemente da ida:
“Àquelas que eu amei e me deixaram
às que me amaram e eu deixei.”

Ciborgue, a Musa me diria sou a poética do ciborgue,
Minha mente está repleta de algoritmos
Um deles, é este por meio do qual conversamos agora.

O peixe-lua iluminava o mar de madrugada
Na alvorada do homem?
Em Portugal, não havia carpas antes dos japoneses,
Nem antes dela se tatuar com uma delas...
Sempre o mar, metáfora de quem quer dar o fora daqui,
Antes da próxima crise política,
Ela me dizia lá no Chiado, escuto o som de Charlie Haden,
Não é *Song for the whales* – música do mar – ,
Mas *Song for Che*, tocada em Cascais,
Em 20 de novembro de 1971.

Por isso mesmo, Ernesto, a surpresa:
“Se nos tempos da Bíblia houvesse jazz!”

Então foi isso, sou Jonas no submarino,
Capitão Nemo, por trás das metralhadoras,
Namor, o príncipe submarino.
Afundarei a península ibérica com meus poderes
No mosaico da estação Oriente,
Seus arcos não deixam de lembrar o secular aqueduto,
Os peixes me dizem, por telepatia,
Fumar é preciso...
Mas também é preciso...
Ondinas, arremessem-me o disco, Miron
Diga-me aqui está gravado
O som de Otomo Yoshihide.

Tolerância zero com o silêncio,
Ainda pude ler, antes de submergir em Ânodo 1:
percussão, bateria – guitarra elétrica
percussão, vibrafone, tímpano
guitarra eletroacústica – percussão bateria
guitarra elétrica – percussão, crotalos, bateria
sinal de onda – percussão, crotalos
koto preparado – percussão, bateria

A música do ciborgue, nosso cavalo de Tróia,
A Musa me diz
“Vou formosa e não segura”
Yume
Good Morning
Eureka.

Na brisa, a música de Jorge Peixinho.
Sucessão simétrica... Ruptura,
Ela me fala de Singalit Landau diante do mar,
Ouço, sou Sardinha perante Antonio Vieira.
Dispersão, a música feita por computador me punge,
Punge-me a poesia de Melo e Castro,
Feita por computador. Obliquidade,
O mal do século é a garrafa de vinho verde,
O vinho da região do Minho, verde musgo,
Ela promete dançar verde gaio descalça
Se, por acaso, eu ganhasse nos dados.
Distância, nada resolvido na quarta dimensão,
Oposição de fases enquanto vibram todas as partículas,
Repetição de alguns harmônicos na hora de improvisar,
Obsessão com a matemática.

Na música, isso se chamaria cluster;
Observando o Tejo, lembro-me das nebulosas.

Escuta, um pássaro de fogo pousou na minha sorte,
Se for fênix, será brasa em cada tragada,
Mas prefiro a pupa de Attar
E que ela se pareça contigo.
Por isso mesmo, cito três lugares de Portugal:
O reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras...
Lá, a cor verde da água surge explicitamente,
Desvia-se para cor do cobre, palco de vários corais,
O próprio amor me lembra da esmeralda
Verde em minha frente, folha de maconha;
A catedral dos ossos, em Évora...
Minha amiga Musa é magra, lembra as caveiras de lá,
Por pouco, não seria a própria Morte,
Daria os olhos para ver seu fêmur, a rótula,
Memorizar hálux e artelhos;
A gruta do Escoural...
Imagino o homem, na era passada, lá no campo,
Foi macaco, foi lépido ao se refugiar da chuva,
Separar no mato alguns pedaços de cactos
E viajar admirando as brumas.

Mel, mantenha-se no favo, Musa
Abrace-se aos seus joelhos como se me abraçasse,
Permita-me ir além da nuca, ponte para a mente;
Conheço-te em trânsito pelas estantes de livros,
Teu nome esqueço, sob o seio esquerdo,
Mirante, o claro farol há de nos entregar.

Estou contigo agora, ao menos no poema,
Longe de Lisboa;
Em Amsterdã, no mundo do futuro
fumamos em quaisquer esquinas;
Na Índia, imagino seu corpo sob aquelas roupas;
Museu Casa do Pontal, no Rio de Janeiro,
Ela teria vindo do Oceano Atlântico, sob o sal,
A areia cola ao redor dos pés, limpos nos gramados...
Entrar no museu descalça.

ODE NÚMERO NOVE

Na brisa, a música de Luís Tinoco.
Round Time, diria-me Ernesto, talvez essa lembrança
Pêndulo, um dos seus ideogramas de 1962,
Bons tempos da Po.Ex, tempos do pêndulo interior...
Mas interessa a mim, Luiz Rupestre,
O que há de Homero em Luís Tinoco,
Melhor ainda, o que há nele de Ulisses:
Vivaldi viaja na diligência, com as pupilas;
Sereias no lugar das divas.

ODE NÚMERO DEZ

A gruta pré-histórica no Alentejo...
Isso e o quarto, no sobrado branco sob o Sol.
Meu quarto fica do lado de dentro das muralhas de Évora,
Dele posso ver o templo de Diana
E alguma parte da aurora, antes dos centauros...
O que comiam os centauros, na aurora do homem?
Na entrada da gruta, devaneio encontrar sobras,
As pontas daquilo fumado pelos macacos,
O macaco fumo,
Primata prima na concepção do som,
Veena, não entendo isso...
Então pretendo me sentar com eles...
A máquina do tempo tem a duração da bomba...
No frigar das folhas e das bolotas de pólen
Na antessala da gruta, antes da trovoada,
O céu há de ficar repleto de macacos.

Um ciborgue habita
Debaixo de minha pele,
Meu cérebro eletrônico permite verificar
Todas as possibilidades, o peiote, o plano piloto
Da poesia concreta, espero ela se explicar sozinha.
Sem tela para projetar os quadros, os frames voam por aí
Elegantemente... alguns truques,
E o mundo existe diante de si, linguagem,
Entre a luta de classes e, por meio da palavra,
A definição de tudo.

Enquanto isso, no passado remoto, ervas,
Feitas nos versos, caem os mesmos raios,
Qual teria sido o primeiro gesto, diante da fumaça?
Deu-se conta de si, a mesma mente?
Então é assim, estou aqui?
Isso é o tempo?
Fome...?

A soma dos dados, o suco de algumas frutas;
Modos de proceder diante de tantos estímulos
Espírito para tanto, ser outro homo sapiens
Na jaula dos macacos.

A gruta no Alentejo dura
Suas pedras são as minhas pedras, Medusa,
Desde o dia em que te conheci.
Não espere ver os desenhos nas paredes curvas,
Não espere por cavalos, tigres, as palmas das mãos;
A lembrança é leve, porém, ainda assombra.

A chuva cai diante dos primeiros homens;
Paisagem em difusão, confusa quando refrata
A luz se desvia alucinadamente, não sei se é chuva,
Não sei se foi efeito daquela fumaça,
Névoas se desprendem, logo ali
Antes da clareira
Quente e seco, pois é fogo.

Pois então me perco, a procurar por ela:
Erva, agora nome para definir;
Terra, metáfora te aproximando de mim;
Corista, ouço seu canto enquanto fumo;
Caverna, sou o último dos astronautas.

Procura pela própria frente,
Os limites do corpo vão além dos ombros,
O limiar é a própria fumaça,
Sua órbita, outra gruta, nada é igual a fruir
Estar entre a vegetação e as folhas.

Então sou cão, lobo na alvorada do verbo,
Antes da história se manifestar em traços de traços,
Das epifanias de Vênus e do Minotauro,
Da divisão do Espaço, da demarcação dos Céus,
De saber quantos metros há daqui ao Sol.

ODE NÚMERO DOZE

Melo e Castro está diante de mim
Antes mesmo da morte, ele me visita
Seu espectro não existe, nunca existiu
Ernesto habita o corpo do homem máquina
Seu cérebro persiste, enquanto tudo transcorre.

Naquele corpo máquina
Ernesto desafia Walter Benjamin
Enquanto promessa, Ernesto afirma:
“Sou registro desde Gutenberg,
Reproduzido tecnicamente, dou vida ao aço,
Enfim, o mestre e o monstro.”

O ciborgue desafia a morte,
A máquina não é metafísica,
Sua imortalidade é luz enquanto onda
Em vez de encarnação, a transmissão dos dados
Ulisses e a cibernética.

Na brisa, a poesia de Melo e Castro.
Visão visual, seu olhar alcança além das ondas violetas,
Ernesto vê frequências que eu ainda não vejo.

A primeira pessoa, eco; mero engano,
Alguma ironia, crítica da razão mítica;
Depois o drama em mim, sou ele, quem te diz
“Estou morrendo”; enfim o drama em gente,
Sou eu, quem me escreve.
Mas prossegue, o poema fala de si mesmo,
Ernesto transita pela noosfera;
No homem máquina, o infopoema,
A capacidade humana de formar sentenças
Aflora nesses algoritmos.

A vez da Dobra
O universo tem forma de dobra,
Por dobras espaciais, pretendo chegar bem longe.
Pois a serpente do paganismo se dobra sobre si mesma,
Os sinos dobram pela poesia experimental,
Os carrilhões de Mafra soam feito máquinas,
Meu cérebro, máquina de fazer músicas,
As músicas, as máquinas, os carrilhões de Mafra.

Os mecanismos de sempre, ondas de tantos sinos;
A 68 metros do solo, na Basílica,
56 sinos na torre norte, 54 sinos da torre sul,
217 toneladas de bronze,
Quase todos fundidos em Antuérpia e Liège, ano de 1730.
Ano de 1948, música eletroacústica;

Stockhausen compõe por meio de ondas,
As ondas senoidais têm forma de sino
No televisor das máquinas.
Na quarta dimensão, a Dobra se converte em Mola;
Sou Coil: molas nos braços, nas pernas, nos cabelos.

Enfim, Espiral, solo de John Coltrane,
Quando já não se prossegue no verbo.

ODE NÚMERO QUATORZE

Na brisa, depois do homem das cavernas,
A infoera.
Alguém que não existe, escreve
Retornar é preciso;
Em breve, quando a noite cai,
Lisboa é cidade de ondas,
É preciso subir para chegar em casa,
Felizmente, trago em mim a brisa,
Sempre dentro da mente,
Nenhum fascista há de me enfrentar.

ODE NÚMERO QUINZE

George Pichard está diante de mim
Ele me mostra Ulisses, Calipso, em suas marés...
Ela me diz: “Rupestre, a parede de rocha,
Homem de antigamente, do tempo dos asteroides,
Nunca fomos deuses, somos os astronautas
A tecnologia me imortaliza.
Posso ver daqui, de onde canto:
Monstros do mar – as máquinas de guerra;
Polifemo – nosso robô gigante;
Orfeu – música para computador, de Iánnis Xenákis.”

Na brisa, os desenhos de José Carlos Fernandes.

Estou de volta à minha época,
O reino da quantidade e os sinais dos tempos,
Não tenho porque me revoltar contra o mundo moderno,
Logo eu, quem sabe abrir o portal sul dos Jerónimos.
Posso ser Mahânga, este é meu ouro;
Mahâtma, acendo o incenso para disfarçar o fumo;
Brahmâtma, recebe a mirra, filtro da incorruptibilidade,
Imagem de Amrîtâ, símile do vinho.

Antes de tudo, a música aleatória,
São vibrações vindas do subsolo,
A vez do Quadrivium:
Piano, baixo, bateria e saxofone.
Depois o vento, as buzinas, os cantos das baleias;
Em estado contemplativo, próximo do sono,
Escuto a música do mundo.

Minha mente é o labirinto,
Indeciso, estou parado
No meio da escadaria...
Às voltas com o pôr do Sol...
Should I stay or should I go.

ODE NÚMERO DEZESSETE

Retornar da miragem para o miradouro,
Eu e o gigante de pedra, seria anjo da guarda,
Não tivesse sido ele transformado em rocha
Por alguma moça, uma Medusa Cyber Punk,
Epifania da dúvida...

Enquanto isso, eu, boca de fumo,
Aspiro o ar da tarde com vontade de ser somente erva,
Suspitar? Meu coração de pedra há de me servir,
O diabólico cérebro eletrônico persiste,
Percebe as linhas magnéticas,
Nas quais algumas aves voam, para viajar.

Ave de pedra, outra poesia visual, o Sol
Acaba de se transformar em cravo,
Astuto, se transforma em rosa, dália,
Ave de prata canta para eu descansar,
Minha moça de verso desapareceu faz tempo.

Gruta do poema, outro desenho inscrito nas cavernas,
Outra vez o cérebro, esse céu entre algumas grutas,
Essa ilha, outra vez o porto, entre vários goles,
Esse o vinho verde, novamente o mar.

Mas o poema não acabaria aqui, zona de confronto,
Vou ao encontro da última onda...
A última ponta, se diz assim no Brasil...
Último sopro antes de subir,
Lenha na locomotiva,
Tempos fora dos trilhos.

O vento enfim, dar as costas ao mar,
Hora de enfrentar os monstros da terra;
Passo sob o arco, estou na Rua da Rosa,
O arco, porta para o templo,
A rosa, símbolo deste mundo,
A erva, no lugar das pontes.

As cores escuras da Rua da Rosa,
À noite predominaria o rubro, algum neon azul escuro,
Procuro pelo mesmo rumo
Quero ser capturado pelas coisas de sempre,
Do caranguejo câncer aos doces amarelos.

Clara dos ovos e dos anjos sorridentes;
Não há motivo para não sorrir,
O sorriso indiscreto, dizendo fumei, estou chapado...
Meu selo é doce, êxtase, infração.

Conheci o Seraphim nos tempos da faculdade, ele estudava semiótica, linguística, literatura brasileira... enquanto isso, eu fazia faculdade de música. Ele seguiu carreira acadêmica, hoje é professor universitário; eu ensino percussão clássica e faço música eletroacústica. Sempre mantivemos contato depois da formatura, quando, então, ele me mostrava o que vinha escrevendo e eu, o que ia compondo; no final de 2021, ele me entregou o projeto completo de seus *Vários afetos*.

* * *

“Você já leu José Carlos Fernandes?” – ele me perguntava – “uma amiga dele me disse ser um truque engenhoso essa história de psicografar o soldado da Primeira Guerra Mundial, quem teria sido desenhista... numa carta de 13 de janeiro de 1935 destinada a Casais Monteiro, Fernando Pessoa afirma fazer a mesma coisa com os heterônimos”. Na carta, Pessoa começa contando aventuras místicas, chega a insinuar comunicações com espíritos para, depois de exclamar algo parecido com “quem estou tentando enganar?”, coloca a situação de todo seu fingimento. Deixou de escrever sobre espiritismo, astrologia, seus sentimentos... falou de gramática e de retórica... para fazer Ricardo Reis, o professor de latim, Pessoa depura a linguagem, enquanto, para Alberto Caeiro, habitante do campo, expressa-se em língua portuguesa rústica; para o professor, versos metrificadas, para Álvaro de Campos, homem moderno, versos livres, semelhantemente a Walt Whitman.

Segundo o Seraphim, a heteronomia é a solução prática de Pessoa para questionamentos teóricos feitos por ele mesmo no manifesto *Portugal Futurista*. Para meu amigo, o papel literário e psicossocial da heteronímia raramente é compreendido em sua totalidade e, além do mais, o drama em gente não se confunde com virtuosismo literário. A heteronímia não é veleidade literária, mas solução bastante eficaz para a crise do sujeito por buscar sua superação enquanto conceito histórico.

A “Lei de Malthus da Sensibilidade” é da autoria de Fernando Pessoa/Álvaro de Campos; citando Malthus e sua célebre relação entre o crescimento em progressão geométrica da população humana versus o crescimento em progressão aritmética dos alimentos, Pessoa/Campos afirma, embora os estímulos da sensibilidade cresçam em progressão geométrica, a sensibilidade cresce em progressão aritmética. Por consequência, se a população humana estaria condenada à fome, condena-se a sensibilidade à carência não porque lhe faltem estímulos, mas porque ela não estaria apta a acompanhá-los. Isso teria solução?

Fernando Pessoa não apaga o sujeito, diluindo-o na piedade cristã, quer dizer, a destruição do sujeito porque a noção do “eu” confunde-se com o pecado do orgulho, nem o destroi em projetos fascistas, em que todas as diferenças devem ser eliminadas; ele, contrariamente, multiplica o sujeito em outros sujeitos – Pessoa deu vida a 136 pessoas! –, explicitando a polifonia, de dentro, para fora de si.

* * *

Certa vez, discutindo gosto, o Seraphim me dizia que isso não é tão difícil de se resolver: “a maioria das pessoas gosta das coisas porque o gosto depende de alguma outra coisa... somos incoerentes em questão de gosto... gostamos de coisas contrárias entre si,

contraditórias, estranhas, feias...”. Nos primeiros contatos com a poesia brasileira contemporânea, ele teve de se haver imediatamente com isto: “muitos poetas, em entrevistas, gostavam tanto de poesia beat quanto de poesia concreta, que são duas poéticas bastante distintas”.

Enquanto os concretistas tendem a desmontar as linguagens verbais, articulando-as com linguagens visuais, nos poetas beats predominam fluxos prosódicos, aproximando-os da música e das artes performáticas. Em termos linguísticos – enfatizava meu amigo, professor de linguística –, os concretistas lidam diretamente com os níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico das línguas, valendo-se das semióticas visuais para intensificar isso. Já os poetas beats investem no fluxo oral, em performances e declamações, muitas vezes seguidas de improviso, com variações em torno de temas realizados em frases, assonâncias etc.; o conhecido *Uivo*, de Allen Ginsberg, um dos poemas mais significativos do movimento, está baseado na oração “eu vi...” e seus desdobramentos.

Em termos semióticos – continua o professor –, concretistas enfatizam as discontinuidades da língua, desmontando palavras, e poetas beats enfatizam suas continuidades, inserindo a palavra em fluxos entoativos; para o Seraphim, os primeiros são poetas *linguistas* e, os segundos, poetas *visionários*. Entre essas duas formas de fazer poesia, há poetas cuja preferência incide na organização dos fluxos entoativos em versos metrificados – são os poetas *arquitetos* – e, contrariamente, há quem busca aproximar a poesia da fala coloquial – são os poetas *conversadores* –.

Ainda em termos semióticos, em meio a poetas *linguistas*, *conversadores*, *visionários* e *arquitetos*, a poesia segue por, pelo menos, quatro regimes de composição, cada um deles com propriedades específicas. Em linhas gerais: (1) o poeta *linguista*, ao insistir na desmontagem do sistema verbal, tende a trabalhar conteúdos

metalinguísticos, utilizando a linguagem para falar da própria linguagem; (2) o poeta *conversador*, com versos livres e conteúdos mais específicos, geralmente trata de temas engajados; (3) o poeta *visionário*, ao insistir no fluxo discursivo, deriva para conteúdos delirantes; (4) o poeta *arquitecto* reutiliza e inova formas poéticas já consagradas. Não se trata de aprisionar a poesia em esquemas – insiste meu amigo –, mas de mostrar, por meio de poucos processos discursivos gerais e abstratos, sua multiplicação em numerosas variações.

Conhecendo tais regimes de engenharia poética, torna-se possível responder “de qual poeta você gosta mais”: depende do regime adotado, pois cada regime solicita, dos leitores, modos diferentes de apreciação. Em língua portuguesa, entre os poetas *linguistas*, o Seraphim prefere Ernesto Manuel de Melo e Castro, Ana Hatherly e Décio Pignatari; dos *conversadores*, ele gosta bastante de Ferreira Gullar e Fíama Hasse Pais Brandão; dos *visionários*, sem dúvida, escolhe o Roberto Piva; entre os *arquitectos*, admira três: Bocage, Glauco Mattoso e Pedro Xisto.

* * *

Não penso que, assim procedendo, o Seraphim busque simplificar a literatura e, tanto pior, denunciá-la como truque. Seu modelo, diga-se de passagem, bastante pluralista, pois inclui vários estilos de composição sem diminuir nenhum deles, não seria redução, mas um discurso a mais com o qual a literatura poderia dialogar. Mas qual a relação disso com a heteronomia?

As pessoas não podem ser reduzidas a egos vagando através da história; o ego é, antes de tudo, aquele que representa, ao mesmo tempo em que se perde neles, papéis em meio a redes de dramas sociais, históricos, enfim, dramas semióticos, em razão de quase tudo ser construção semiótica. Na instância desse para-ser, ser

professor de semiótica, é, para o Seraphim, representar um papel, é colocar uma situação; dessa fonte enunciativa, os poderes da argumentação dependem das coerções do papel encenado, em outras palavras, o poder nasce das restrições da liberdade não do outro, mas de si mesmo.

Ser professor de linguística e semiótica significa, portanto, estar em uma prisão? Para meu amigo, a resposta é sim; “isso te dá certo poder de trocas simbólicas”, ele argumenta, “mas representar o papel significa mais coisas proibidas do que permitidas, todo papel significa antes opressão que liberdade. Qual seria a poesia de um professor de linguística? ... certamente, quase ninguém esperaria poesia sadomasoquista... e qual seria a poesia sadomasoquista? ... certamente, quase ninguém esperaria a poesia de um professor de linguística.”

* * *

“Você nunca quis ser outra pessoa?... compor umas salsas, de vez em quando?”. Certo dia, o assunto voltava aos heterônimos e Seraphim fez aquela pergunta. “Esse pensamento deve surgir na nossa cabeça porque, na verdade, já somos muitos e não sabemos... sem saber sabendo... o que aconteceria se você mostrasse uma salsa, composição sua, para seus amigos da música eletroacústica?” Nunca compus salsas, a bem da verdade, nem saberia por onde começar... mas já ouvi várias delas, a maioria indicada pelo Seraphim.

“Eu fui quase gótico quando adolescente... gostava de simbolismo, Zé do Caixão... naquela época eu sabia pouca coisa de literatura, muito menos, de composição poética. Hoje sei algumas coisas, mas não sou mais adolescente nem posso me comportar feito eles, falando dos assuntos deles, a maioria desconhecida por mim, mas posso me imaginar ainda jovem, sem o peso do papel

de professor, e tentar me colocar fazendo poesia sendo adolescente gótico. Assim, se eu compuser as poesias dele, elas não serão minhas e meu adolescente gótico seria parecido com seu compositor de salsas.

“Conheço pouco da obra de Jacques Lacan, li apenas o *Seminário livro 20 – mais, ainda...* do livro, lembro-me do sexo e do para-ser. Segundo Lacan, se entendi bem, nunca haveria relação sexual, pois jamais fazemos sexo com o outro, mas com uma imagem nossa projetada no outro. Dessa maneira, fazemos sexo com o para-ser, um ser paralelo ao nosso... nosso sexo é da ordem do parecer. Ora, se Lacan tiver razão, qual seria seu para-ser? Não penso no lado feminino, mas na sexualidade segundo a projeção do para-ser quando se faz sexo com uma mulher. E se essa mulher escrevesse poesia erótica?

“No limite, isso pode se estender para as relações com os amigos queridos, provavelmente, também fundadas naquele para-ser e, das pessoas, o para-ser invade o mundo das ideias, dos discursos, das ideologias... a heteronomia é a liberdade poética levada ao extremo do sujeito em crise consigo mesmo, nela se funda a comuna do ser. A partir daí, não sei se a composição literária dá forma ao heterônimo ou se o heterônimo dá voz às composições; no caso, meu modelo semiótico dos regimes poéticos fez boa parte da experiência”.

* * *

“Vou te contar minha transformação em Samael, o processo foi mais semiótico do que psicológico. Em 2015, quando comecei as experiências com heterônimos, eu acabara de ler a obra do poeta português Nuno Moura e iniciei meu projeto inspirado diretamente nele e seus heterônimos; também nessa época, eu terminara de ler o longo poema *Milton*, de William Blake, na

tradução de outro poeta português, o Manuel Portela. Sempre gostei de estudar religiões comparadas, fiz meu mestrado em semiótica do discurso religioso, estudei o discurso do esoterismo... reconheci no poema de Blake, de cunho esotérico, uma religião praticamente inventada por ele mesmo.

“Com tudo em mente, resolvi fazer poemas religiosos e, recorrendo ao meu modelo dos regimes de engenharia poética, segui pelo regime do poeta visionário, elaborando motes e suas variações. Não queria fazer apenas variações sobre temas frásais; para cada poema, mesmo me valendo de motes sintáticos, busquei elaborar coerções mais elaboradas: sistemas métricos, distribuição de estrofes, campos semânticos. Assim nascia Samael, o autor do *Senhor das dúvidas*, livro com duas partes, cada uma delas, formada por nove poemas.

“Ele foi o primeiro; depois chegaram a Ana Maria Isabell, o Wagner Corsário e a Akemi Korosu. Em seguida, veio o Luiz Rupestre e, por último, a Juliana Bruno. Uma vez organizado meu próprio drama, recebia, quando ia compor, todos na mesma sessão.

“Embora tenha encontrado o Samael antes dos demais, o ânimo da Ana Maria me era íntimo faz tempo. Até agora, fiz cinco roteiros de histórias em quadrinhos: *Menthalos*; *Eunice mora no penúltimo andar*; *Descalça*; *Marcela sobre os conceitos*; *Macária faz cinema*. Nos dois primeiros, já editados, a fixação em mulheres masoquistas é evidente e nos demais, ainda em projeto, também; não me refiro apenas ao voyer punheteiro, stalker das personagens; quando elaboro os roteiros, busco entender os modos da mulher masoquista desenvolver e sentir sua sexualidade... isso me ajuda a entender, justamente, minha sexualidade, pois ela espelha aquele imaginário feminino, aproximando-se dele.

“Dessa maneira, no início do projeto dos heterônimos, imaginei ser uma mulher masoquista e escrever sua poesia BDSM;

comecei por um longo poema, *A dialética da autoestrada*, poema inspirado por uma sensação de anos atrás. Por volta dos 18 anos de idade, certa vez ao cair da noite, em Ubatuba, voltei caminhando descalço, da praia até a casa em que me hospedava, pelo acostamento da rodovia... anos mais tarde, quando dei voz a Ana Maria Isabell, revivi aquele momento SM por meio dela. Com Isabell também dei vazão a séries de poemas experimentais; seu corpo, quando aparece nos poemas visuais em desenhos e fotografias, eu peguei emprestado da minha esposa, a Lilli Ferreira.

“Já o Wagner Corsário eu fiz inspirado em meu amigo poeta Luiz Fernando Venegas: nossa amizade começou com entreviro, em um congresso sobre Concretismo eu defendia o ponto de vista do signo de Saussure e ele, o de Peirce. Quase nos desentendemos com essas bobagens; no final do congresso, ele distribuiu uma plaquete com seus poemas. Ao chegar em casa, lendo-o calmamente, gostei demais do trabalho e, imediatamente, escrevi um e-mail para me desculpar e oferecer minha amizade. Acabei editando seu livro de poesia *Há saci na fome*, em 2009; no prefácio do livro, eu chamo atenção para a síntese realizada por ele entre o rigor da poesia concreta e a leveza da poesia marginal, tão contrárias em suas origens e propostas. Imaginando escrever feito o Venegas, mas valendo-me do meu repertório, dei a luz ao *Maldito sejam todos vocês*, do Wagner Corsário.

“Já a Akemi Korosu foi uma aventura juvenil; tenho uma aluna de pós-graduação, chamada Akemi, em quem me inspirei para fazer o heterônimo. Acho ela uma mocinha fantástica... ela se mistura com o ocidente; faz tatuagens, pinta o cabelo de rosa, amarelo; namora uns caras interessantes do mundo dos quadrinhos... pensei comigo: e se a Akemi fizesse haicais, sonetos, poesia visual?

“Depois foi a vez do Luiz Rupestre. No segundo semestre de 2013, eu fiz o pós-doutorado em Portugal, estudando a PoEx, a

poesia experimental portuguesa. Passando por Évora, visitei os sítios arqueológicos da região; em uma dessas visitas, um guia simpático me acompanhou, mencionando vários sítios brasileiros, dos quais eu não fazia ideia. Nesse tempo, eu comprava haxixe no Miradouro Adamastor e imaginei ser um arqueólogo português fazendo odes, depois de ficar chapado.

“Por fim, a Juliana Bruno foi a última a aparecer nas sessões. Certa vez, viajando a trabalho para falar de poesia, encontrei a amiga Susanna Busato, poeta e professora, e comentamos a poesia de um amigo comum, outro poeta. Segundo ela, e eu concordo, nosso amigo falava de filosofia, mas parecia não haver lido, com a devida atenção, os livros citados nos poemas. Pensei em corrigir isso; voltei para casa concebendo uma poeta consciente das referências aos discursos filosóficos, buscando diálogos, sem banalizações, entre poesia e filosofia.

“E assim, durante um ano, quase todas as noites, pude ser seis pessoas diferentes enquanto compunha.”

* * *

Depois de revelar sua psicografia da composição, o Seraphim me explicou os detalhes técnicos. Segundo ele, o Samael e o Luiz Rupestre são poetas visionários, seus poemas são compostos por meio de temas e variações. Para meu amigo, as composições do Samael são complexas, a proposta foi, justamente, trabalhar temas mais elaborados que simplesmente encadear frases estabilizadas. Todo *Senhor das dúvidas* é regido por esse processo; sabendo disso, consegui perceber os encadeamentos dos versos e suas progressões em vários poemas do livro. Para ilustrar, vou recorrer aos poemas V e VII do Livro I.

Na introdução forjada pelo Seraphim, em que ele se desdobra em organizador e autor, o poema V é mencionado para dar

exemplo de variação a partir de temas baseados em outros níveis de análise linguística além da sintaxe e a frase. Há no poema nomes de deuses do Egito Antigo – Sobek, Uadjit, Heqet e Taweret – e de um demônio – Behemot –, que terminam soando feito poesia sonora ou onomatopeias dos grunhidos extáticos de Samael nos mantras de seu esoterismo; imersas nessa sonoridade, as estrofes seguem por este desdobramento: (1) em cada estrofe deve-se acrescentar um verso; (2) o último verso de cada estrofe é uma sequência de quatro palavras, selecionadas em meio a diversos paradigmas, entre eles, o mesmo prefixo, o mesmo campo semântico etc.

O poema VII tem outra estrutura; nele, Samael intercala estrofes de três versos curtos com uma progressão de palavras ou frases, as quais aumentam acompanhando as etapas da antiga cantiga folclórica, “A velha a fiar”, cujo final é: “estava tudo mundo a lhe fazer mal / e a velha a fiar / a mulher, no homem / o homem, no boi / o boi, na água / a água, no fogo / o fogo, no pau / o pau, no cachorro / o cachorro, no gato / o gato, no rato / o rato, na aranha / a aranha, na mosca / a mosca, na velha / e a velha a fiar”.

Enquanto isso, o Luiz Rupestre, embora também simulado no regime poético do visionário, alinha-se a outras temáticas. Ele é mais velho, não pode ser juvenil, portanto, suas divagações não são com Buraq e o Abutre, mas com pessoas reais, em ambientes reais, tal qual é o Miradouro Adamastor, em Lisboa. Luiz é português; por meio dele, Seraphim emula as odes de Álvaro de Campos, aludindo a outros artistas de Portugal: os poetas Bocage, Cesário Verde, E M de Melo e Castro; os músicos Jorge Peixinho e Carlos Paredes; o artista plástico José Carlos Fernandes. Aquele Miradouro é também lugar em que se pode comprar maconha, haxixe, pólen... todas as *Odes Brisantes* de Luiz Rupestre seriam desdobramentos de bombas fumadas lá mesmo. Esse heterônimo

é inspirado em um arqueólogo conhecido pelo Seraphim, quando morou em Lisboa, ele foi seu guia durante visitas aos sítios arqueológicos de Évora; vem daí o sobrenome Rupestre e a viagem imaginando os modos e quando teria sido a primeira viagem de erva, na aurora do homem.

Diferentemente do Samael, quem, em seu discurso extático, trabalha estruturas composicionais diferentes em cada poema, o Rupestre, partindo de outra semiótica, apenas se põe a discorrer em cada ode em tom bastante coloquial, sem perder, todavia, a escansão dos versos em função do fluxo prosódico. Uma vez próximo da fala e da conversa, Luiz Rupestre é quase poeta conversador; o vocabulário é menos difuso, não há tantas metáforas em sua poesia.

Do regime poético do visionário ao conversador, a poesia coloquial se realiza no Wagner Corsário. O Wagner também é mais velho que o Samael, ele estaria próximo da idade do Rupestre, sem, no entanto, a formação universitária, bastante específica no caso de um arqueólogo; sua formação é difusa, isso obriga o Wagner a ser generalista, ele falaria de tudo, inclusive de arte. Ser generalista não implica, necessariamente, ser desinformado, o Wagner apenas não é especialista, ele não perde os contornos das coisas.

Conforme o próprio Seraphim de verdade fala no prefácio do livro, o Wagner Corsário parte de um tema geral, por exemplo, história em quadrinhos, MPB, namoros, viagens etc. e segue pela divisão prismática da ideia, inspirado no processo de composição proposto por Mallarmé em *Um lance de dados jamais abolirá o acaso*. Isso equivale a conceber o tema de vários pontos de vista, com cada visão expressa por um poema à parte, entretanto, sem deixar de correlacionar esse poema singularizado aos demais poemas da mesma série. Para mim, ao forjar a poética do Corsário, o Seraphim fez um lance de dados não de cassino, mas de bote-

quim... seu prisma está mais para chaveiro de acrílico. Os poemas são fáceis de entender, estão longe tanto das referências e da concentração do Rupestre quanto das elaborações do Samael; as ideias do Wagner são prismadas em termos de poesia marginal: vocabulário simples, utilizado nas conversas do dia a dia; verso simples, de poucos pés; temas de fácil reconhecimento, nada técnico ou especializado.

Mencionados os homens/Seraphim, vamos tratar das mulheres/Seraphim, que são, antes de tudo, intelectuais, todas elas conhecem literatura e dela se valem para expressar seus projetos mais importantes: Ana Maria Isabell para expressar o BDSM; Juliana Bruno, filosofia e ação afirmativa das mulheres; Akemi Korusu, sua mestiçagem pós-moderna. As três oscilam entre ser, segundo o Seraphim, poetas linguistas e arquitetas, mas a Juliana tende a ser a conversadora das três.

Ana Maria Isabell é o heterônimo masoquista do Seraphim; com ela, ele troca de gênero e de vetor BDSM, sem deixar de aplicar técnicas poéticas de vanguarda para abordar temáticas sadomasoquistas. Por meio dessa persona, o Seraphim de verdade se vale de seus conhecimentos de semiótica, linguística e literatura sem parecer professor, pois todos esses campos do saber estão ao alcance de quem quiser se dedicar a eles. Uma leitora inteligente, feito Ana Maria Isabell, pode perfeitamente fazer poesia experimental sem ser formada em letras ou ciências afins; para reforçar isso, o Seraphim tomou o cuidado de atribuir a ela, no prefácio, a mesma profissão de outro poeta experimental brasileiro, o Edgard Braga, quem foi médico obstetra. Juntamente a isso, para afirmar suas condições de existência, a Ana Maria é o único heterônimo cujo corpo aparece em imagens; nem todas elas são da mesma modelo, algumas são da Lilli Ferreira, esposa do Seraphim, outras, colhidas na internet em punhetas noturnas, diante do computador.

A Akemi Korosu é a mais pop das três mulheres/Seraphim; com ela, a técnica se detém em três formas fixas, isto é, haicais, sonetos e os dípticos visuais, os últimos, formas supostamente inventadas pela própria Akemi e utilizadas para discorrer sobre as inquietações de uma pós-adolescente, recém formada em letras e, inclusive, orientanda de pós-graduação em semiótica e linguística geral do professor Pietroforte. A rigor, Akemi não faz street art, nenhum dos poemas se expressa em grafites, pichações, quaisquer interferências urbanas; ela se restringe, no caso, às páginas do livro. Concebidos pelo par Akemi/Seraphim, os dípticos visuais são pensados no contraste entre duas expressões visuais do mesmo tema poético; tais contrastes são semânticos, mas devem ser também visuais, envolvendo cores, formas, sintaxes visuais. Exceto o primeiro poema visual, um tríptico, todos os demais são lidos cotejando, no livro, a página par com a ímpar.

Quanto aos haicais, Akemi recorre à forma proposta por Guilherme de Almeida, quer dizer, uma redondilha maior intercalada por duas menores; a referência constante, porém, é Pedro Xisto, citado em várias soluções. O haikai “mini mini mini / mini mini mini / mini mini mini / mini mini saia” é inspirado no haikai “lájea lájea lájea / lájea lájea lájea lájea / lájea lájea lágrima”, do Xisto – a referência eu percebi porque esse haikai está, justamente, entre os poemas dele musicados por mim –; quanto aos sonetos, ela recorre aos decassílabos, sem, no entanto, manter-se fiel às acentuações heroicas ou sáficas em todos os versos. Nesse mundo possível, Akemi seria estudante de letras; ela deve saber, pelo menos, algumas condições gerais e abstratas a respeito das coerções de gêneros da poesia. Além disso, em um dos sonetos, Akemi explicita-se enquanto farsa, valendo-se do verbo “outrar-se”, citando Fernando Pessoa e a heteronomia.

Por fim, vamos cuidar da criação de Juliana Bruno, a única heterônima hábil em línguas, das quais o Seraphim não tem a

menor noção. Antes de estudar letras e se aprofundar na semiótica, o Seraphim fez três anos de física, interessando-se bastante pela evolução de seus conceitos e motivando-se, assim, a ler com atenção os filósofos pré-socráticos, os renascentistas e os iluministas, além dos marxistas, evidentemente, pois o Instituto de Física da USP, até notícia contrária, sempre foi politizado, basta lembrar dos nomes do casal Amélia e Ernest Hamburger e de Mário Schenberg. Consequentemente, ele sabe quando poetas estão citando filosofia sem haver lido devidamente as fontes; com tal inquietação, ele concebeu a Juliana Bruno, cuja regra básica de composição é citar, pelo menos, um filósofo, um linguística ou um artista em cada poema. Para enfatizar o pensamento e o conteúdo dos versos, os poemas deveriam ser concisos e sem muitos investimentos na prosódia ou nas malhas fonológicas da poesia, pois, nos termos do próprio Seraphim, Juliana é, predominantemente, poeta conversadora.

Enfim, esse foi o planejamento da esquizofrenia organizada do meu amigo das letras, o Seraphim Pietroforte.

* * *

Em regra, quem escuta música de passagem, a música enquanto trilha sonora da monotonia da vida, tem ideias bastante equivocadas do que venha a ser música de verdade. Eis algumas já ouvidas por aí: música é liberdade... música se faz com sentimento... ler partitura mata a criatividade do músico... a música popular é mais autêntica do que a música erudita... a música erudita é cerebral, por isso mesmo não é música... música não passa de habilidade manual dos músicos – essa é, certamente, a pior –. Não vou me ocupar contestando todas essas bobagens, nem saberia por onde começar... quem faz confusões assim não conhece música suficientemente nem sequer para entender quaisquer

contraposições a ideias tão débeis. Creio haver, fora da música, tontices semelhantes para cada arte; algumas delas bastante parecidas com as colocadas antes, basta trocar nas frases a palavra “música” por “literatura”, “pintura”, “fotografia” etc.

Quem se coloca diante da arte mediado apenas pela subjetividade tende a vulgarizar tanto a arte quanto a própria subjetividade; essa subjetividade vulgar, perdida nas desculpas dadas pelo ego a si mesmo para continuar no comando, deixa de compreender que toda arte é, predominantemente, linguagem, portanto, alteridade, pronta não para projeções egocêntricas, mas apta para o diálogo. Por isso mesmo, por compor músicas semelhantemente, só me resta, neste final de texto, apreciar bastante a engenharia poética do Seraphim, na qual, longe do sujeito se perder em subjetividades sem sentido até para o próprio sujeito, que tanto se ufana em se constituir por meio dessas mesmas subjetividades, o autor dialoga consigo mesmo, desdobrando-se e constituindo-se dialogicamente, mediado pela linguagem e suas muitas formas de realização.

São Paulo, 2 de setembro de 2023

ANTONIO VICENTE SERAPHIM PIETROFORTE é Professor Titular de Semiótica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Nessa mesma faculdade, formou-se em Língua Portuguesa e Linguística; nela, ainda fez o mestrado, o doutorado, a livre-docência e leciona desde 2002 no Departamento de Linguística. Presentemente, atua nos cursos de graduação em Letras e nos cursos de pós-graduação em: (1) Semiótica e Linguística Geral, especializando-se em Semiótica Aplicada; e (2) Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa, participando da concepção do curso de pós-graduação em Laboratórios de Criação – Escrita Literária.

Na área acadêmica, escreveu: (1) *Semiótica visual – os percursos do olhar*, 2004; (2) *Análise do texto visual – a construção da imagem*, 2007; (3) *Tópicos de semiótica – modelos teóricos e aplicações*, 2008; (4) *Análise textual da história em quadrinhos – uma abordagem semiótica da obra de Luiz Gê*, 2009, composto em parceria com Luiz Gê; (5) *Enunciação e tensividade – a semiótica na batida do samba*, 2010; (6) *O discurso da poesia concreta – uma abordagem semiótica*, 2011; (7) *A significação na música instrumental erudita*, 2015; (8) *A significação na pintura*, 2016; (9) *A significação na fotografia*, 2016; (10) *Ernesto na Torre de Babel*, 2016, composto em parceria com E M de Melo e Castro e Rodrigo Bravo; (11) *Ensaios de arte experimental*, 2018, como organizador.

Na área literária, escreveu: (1) *Amsterdã SM*, romance, 2007; (2) *O retrato do artista enquanto foge*, poesias, 2007; (3) *Papéis convulsos*, contos, 2008; (4) *Palavra quase muro*, poesias, 2008; (5) *Concretos e delirantes*, poesias, 2008; (6) *Irmão Noite, irmã Lua*, romance, 2008; (7) *M(ai)S – antologia SadoMasoquista da literatura brasileira*, 2008, organizada em parceria com o escritor Glauco Mattoso; (8) *Formas de formas*, poesias, 2008, composta em parceria com os poetas

Paulo Scott, Marcelo Montenegro, Delmo Montenegro, Marcelo Sahea, Thiago Ponce de Moraes, Luís Venegas e Caco Pontes; (9) *A musa chapada*, poesias, 2008, composta em parceria com o escritor Ademir Assunção e o artista plástico Carlos Carah; (10) *Os tempos da diligência*, poesias, 2009; (11) *Menthalos*, história em quadrinhos, 2010, composta em parceria com o artista plástico Jozz; (12) *O livro das músicas*, poesias, 2010; (13) *Sara sob céu escuro*, romance, 2011; (14) *Aos pés das letras – antologia podólatra da literatura brasileira*, 2011, organizada em parceria com o escritor Glauco Mattoso; (15) *A pureza da pauta*, poesias, 2017; (16) *Livro das dedicatórias*, poesias, 2018; (17) *Cantos da meia-noite*, contos, 2018; (18) *Poesia engajada com alguma coisa*, poesias, 2018; (19) *Polifemo*, poesia, 2018, composto em parceria com Lilli Ferreira; (20) *Eunice mora no penúltimo andar*, história em quadrinhos, 2019, composta em parceria com a artista plástica Aline Daka.

